

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

DULCI, Luiz Soares. Luiz Soares Dulci (depoimento, 2005 / 2006). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 53min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Luiz Soares Dulci  
(depoimento, 2005 / 2006)**

Rio de Janeiro

2019

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Alexandre Fortes; Marieta de Moraes Ferreira;

**Levantamento de dados:** Marieta de Moraes Ferreira;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Marieta de Moraes Ferreira;

**Técnico de gravação:** Marco Dreer Buarque;

**Local:** Brasília - DF - Brasil;

**Data:** 10/05/2005 a 24/03/2006

**Duração:** 3h 53min

Arquivo digital - áudio: 8; Fita cassete: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto Memórias dos fundadores do PT, através do convênio estabelecido entre o Centro Sérgio Buarque de Hollanda - Documentação e Memória Política, da Fundação Perseu Abramo, e o CPDOC, da Fundação Getulio Vargas, a partir de 01 de dezembro de 2004, com o objetivo de constituir acervo digital e de publicar um livro desses depoimentos editados.

**Temas:** Alceu Amoroso Lima; Alfredo Bosi; Apolônio de Carvalho; Assuntos familiares; Assuntos pessoais; Ditadura; Esquerda; Formação acadêmica; Formação escolar; Greves; Igreja Católica; Intelectuais; Luiz Inácio Lula da Silva; Milton Campos; Movimento estudantil; Mulher; Partido Comunista Brasileiro - PCB; Partido Comunista do Brasil - PCdoB; Partido dos Trabalhadores - PT; Política; Política partidária; Política sindical; Repressão política; Sindicalismo; Sindicatos de trabalhadores; Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## *Sumário*

Entrevista: 10/05/2005 O nascimento e infância, em Santos Dumont, Minas Gerais; origem familiar paterna e materna; o parentesco com o ex-governador Milton Campos; a dificuldade financeira enfrentada pela família a partir de 1964; os primeiros estudos do entrevistado, em Santos Dumont – memórias de suas professoras; o ambiente cultural da sua família, durante sua infância; a atuação dos pais, na política e na Igreja; o contato com ideias de esquerda, a partir dos irmãos – Otávio e Estevam – que tiveram educação dominicana; a participação do entrevistado, aos doze anos, no jornal de esquerda “Mensagem”; os estudos no Colégio dos Jesuítas, de Juiz de Fora; o contato com professores militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e influenciados pelo pensamento de Georg Lukács; comentários sobre a vida em Juiz de Fora, e a prevalência de uma posição política de esquerda na cidade; a decisão pelo curso de Letras e a influência dos críticos literários de São Paulo: Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Alfredo Bosi e Roberto Schwarz; os estudos na Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); o impacto da chegada ao Rio de Janeiro e da vida universitária, na trajetória do entrevistado; as repressões da Ditadura Militar no meio universitário, especialmente na Faculdade de Letras, da UFRJ; os professores que mais influenciaram o entrevistado, com especial menção à Heloísa Buarque de Holanda; o contato com Alceu Amoroso Lima; a atuação do entrevistado no movimento estudantil universitário; o contato do entrevistado com o Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP), ao qual se integraria em 1979; a militância do entrevistado pela manutenção e pelo não-fechamento da Casa do Estudante Universitário (CEU); menção à tentativa do entrevistado de criar uma chapa de oposição ao Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro, em 1977; o contato com os poetas Antonio Carlos Ferreira de Brito (Cacaco) e Ana Cristina César; menção à estadia do entrevistado em Belém do Pará, e sua ida à Belo Horizonte; o ingresso e atuação do entrevistado no MEP; as greves dos professores de Minas Gerais, em 1979 e 1980: a importância desses movimentos na vida do entrevistado e na vida política e cultural do estado; a importância da participação das mulheres nessas mobilizações e, o crescimento do movimento dos professores – de Belo Horizonte para todo o estado; as conquistas alcançadas depois de quarenta dias de greve e a criação do sindicato União dos Trabalhadores do Ensino de Minas Gerais (UTE-MG); o papel do entrevistado enquanto liderança dos movimentos dos professores de Minas Gerais e sua eleição como

primeiro presidente da UTE-MG; a repressão à greve de 1980, com a prisão do entrevistado e dos outros dirigentes da UTE-MG, durante trinta dias; menção ao encontro com Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), em 1979, na cidade de Divinópolis; as participações do entrevistado na Intersindical e nas reuniões para a criação do Partido dos Trabalhadores (PT); a oposição de setores da esquerda – entre eles, membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) – à criação de um novo partido; a necessidade da atuação política partidária para a melhoria das condições dos trabalhadores; a importância do PCB no contexto político da época – com grande representação nos sindicatos dos trabalhadores; a importância e influência de intelectuais como Antonio Candido na formação do PT; comentários sobre Apolônio de Carvalho; A candidatura à deputado federal; a importância da criação da União dos Trabalhadores do Ensino (UTE); a repercussão das greves de 1979 e 1980; a aproximação com Luiz Inácio Lula da Silva em 1979; a visita à São Bernardo a convite do Lula; o início da participação da intersindical; os debates para a criação de um novo partido; a construção do Partido dos Trabalhadores (PT); um partido que os trabalhadores fossem sujeitos; a presença de um setor do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) no início; a ideia de construir um partido que não funcionasse apenas na eleição; ; as relações com o Partido Comunista Brasileiro (PCB); a preocupação com a recaída autoritária; a integração ao movimento pró-PT; a atuação na Comissão Nacional Provisória e a primeira executiva nacional do partido; a atuação como deputado federal; a integração com a bancada do PT; a presidência da Comissão de Trabalho pelo PT; a presidência do PT de Minas Gerais; os trabalhos internos no partido; a atuação na direção nacional do PT; a criação da Escola Sindical Sete de Outubro; os limites do parlamento na ditadura militar; as diferentes tendências e correntes dentro do PT; a forte corrente da Igreja Católica de base dentro do PT; os debates nas criações e regulamentação das tendências dentro do partido; a crise política de 2005; os mandatos parlamentares se tornando verdadeiras correntes; a atuação na crítica literária no Estadão e em outros jornais; a Fundação Perseu Abramo e sua participação.

*1º entrevista: 10/05/2005*

M.M. – Nós vamos começar, ministro, falando um pouco da sua Minas Gerais; os primeiros anos da sua vida, a sua família, enfim, de maneira a gente conhecer um pouco essa fase da sua vida.

L. D. – Eu nasci em 7 de janeiro de 56, em Santos Dumont, que é uma cidade da zona da mata de Minas, na serra da Mantiqueira. Meu pai chama Cesário Dulci, de origem italiana, e uma família mais... como é que eu poderia dizer? Família mais modesta assim. Imigrantes italianos. O pai dele tinha vindo... Essas coisas interessam?

M.M. – Pode falar. Interessa, sim.

L. D. – Bem. Era funcionário da prefeitura mas cuidava de serviço de água, esgoto; funcionário simples, modesto. Família grande, e digamos, sem tradição assim. De papai. E ele, quando era menino, vendeu bala em cinema, depois, não completou nenhum curso universitário; se interessou por várias questões culturais depois mas como autodidata. Papai. Minha mãe Anita já era de uma família...

M.M. – Tradicional.

L. D. – É. Mais tradicional. Filha de um juiz de direito e pelo outro ramo é de família holandesa, uns holandeses que vieram para Santos Dumont para mexer com indústria de laticínios, queijo e tal. Minha mãe era professora de francês e de religião, de ginásio. O meu pai fez muitas coisas...

M.M. – Mas você tem um parentesco com o Milton Campos, não tem? Do lado da sua mãe.

L. D. – É. Pelo lado Soares, é. Embora...

M.M. – Você tinha um outro primo, também, que foi político em Minas. Não?

L. D. – Não. Que eu me recorde, não.

M.M. – Além do Milton Campos?

L. D. – Não. Mamãe era prima em primeiro grau de Milton Campos e nós, filhos, primos em segundo grau. Embora eu, pessoalmente, não tive o privilégio de conviver com ele porque, quando ele morreu, eu tinha uns quatorze anos, vivia no interior. O Otávio, sim, teve,

porque, quando meu pai faliu lá, os filhos foram, alguns para aqui, para acolá, e o Otávio foi estudar em Belo Horizonte e morou na casa do dr. Milton. Mas eu não tive. Pela idade e pela... Mas é essa família Soares, da minha mãe. A família Dulci é do meu pai. Quando eu nasci, o meu pai tinha uma fabriqueta, uma pequena fábrica de... em Santos Dumont mesmo. Depois de ter mexido com mil coisas – foi professor particular, foi... enfim, trabalhou com tantas coisas, vendedor, etc. –, e depois, arranhou uns sócios lá e fez uma pequena fábrica. Ele tinha, antes até de eu nascer, tinha produzido fogão mas fogão elétrico, depois, mimeógrafo à tinta, depois, tinta para sapato e – o que eu já me lembro diretamente – vela de filtro. Mas eu não me lembro quantos funcionários podia ter. Quinze. Era uma pequena fábrica.

M.M. – Isso, lá em Santos Dumont.

L. D. – Sempre em Santos Dumont, é.

M.M. – Mas depois vocês mudaram para Juiz de Fora.

L. D. – Não, nunca. A família, não.

M.M. – Só você.

L. D. – Exatamente. Então... O meu pai teve, como eu falei, uma infância mais modesta, não de... não pobre, miserável, mas de família simples, não é, sem tradição. Ele vendeu bala em cinema. Meu avô tocava flauta no cinema mudo. Gente... A minha avó costurava para fora. Esse tipo de coisa assim, não é, de família que, lá em Minas, se chamava de remediada, quer dizer, as pessoas que... Ao contrário da família da minha mãe, que meu avô foi prefeito em Ponte Nova, (morreu antes de eu nascer) foi juiz de direito. Quando eu nasci, já eram dez filhos, e meu pai tinha uma situação boa, para o padrão de uma cidade pequena; era um dos donos, sócio dessa pequena fábrica e os negócios iam bem, quer dizer, razoavelmente. Dava para viver...

M.M. – Tranquilamente.

L. D. – É, tranquilamente. Ele tinha um jipe. Enfim, não faltava nada em casa. Dez filhos para criar é sempre... um custo.

M.M. – Um desafio.

L. D. – Tinha casa própria e tinha um jipe. Não tinha nenhum grande patrimônio e tal, mas vivia sem problemas. Já no final dos anos 50, início dos anos 60, o negócio dele começou a periclitir e, em torno de 64, 65, ele, na verdade, faliu. Ficou muitos anos devendo para agiota, para isso, para aquilo, tentando recuperar o negócio. Nunca mais conseguiu. Depois, os próprios filhos, quando a gente já estava maior, nós nos juntamos e... e ele também fez um esforço, para aposentar pela previdência. Então eu peguei, como menino muito pequenininho, quatro ou cinco anos, uma situação boa. Na primeiríssima infância. Depois, a situação já piorou, e minha mãe tinha que trabalhar muito, não sei o quê... Piorou bastante mesmo. Os irmãos mais velhos também já começaram a trabalhar. Quer dizer, houve uma... Não tanto do ponto de vista simbólico, não, mas do ponto de vista prático, a condição de vida da família piorou bastante. Fiquei em Santos Dumont até quatorze anos, depois fui para Juiz de Fora. Ou seja, estudei até a oitava série em Santos Dumont. De primeira à quarta, num grupo, numa escola público, grupo escolar, que se chamava na época. De quinta à oitava, por razões de localização e tal, num ginásio particular. Embora as escolas públicas no interior de Minas, naquela época, em geral eram melhores do que as escolas particulares; porque é o sistema estadual, não é, então pagavam um pouco mais, porque o padrão era dado, digamos, pela capital. Aí, depois, fui para Juiz de Fora, fui fazer o curso clássico. Eu fui acho que a última geração do curso clássico. No colégio dos jesuítas. Eu tinha um irmão que era professor lá, arrumou e tal. Depois, ele foi embora; e eu estudei com bolsa já, porque a situação já não permitiria, quer dizer, se meu pai tivesse que pagar, ele não conseguiria. Em Juiz de Fora, eu morava em pensões assim, essas pensões de três, quatro num quarto, uma vida... porque também não tinha muita... eu tinha que me virar, com algum apoio dos irmãos, a família básica, pai e mãe já não tinham como. E em Juiz de Fora, eu comecei, também, (talvez possa interessar) a ter uma...

M.M. – Militância política?

L. D. – Política não. Cultural. Quer dizer, de revistas literárias de jovens, jornais, jornais de estudantes. Mas como era o período mais duro, mais fechado da ditadura não tinha intenção... Intenção tinha. Não era publicação política. Embora naquela época, final dos anos 60, início dos anos 70, o debate cultural, literário, musical tinha um sentido político. Então a gente escrevia às vezes o suplemento literário dos jornais de Juiz de Fora, fazia algum tipo de atividade...

M.M. – Já tinha esse interesse pela área de letras, de escrever. Pela literatura.

L. D. – É. É uma forma de militância, não é. Política lato sensu. Eu entendo assim. Através das coisas literárias e tal, de alguma maneira, falar, tratar das questões do país. Mas eu tinha esse interesse pela literatura, vem de casa, porque...

M.M. – Sua mãe era professora de francês, não é.

L. D. – Mamãe era professora de francês, gostava muito de literatura francesa. O papai, embora não tenha feito nenhum curso mas, ele gostava também.

M.M. – Discutia-se política na sua casa? Qual era a orientação política? Era UDN, PSD?

L. D. – Não. Eu não peguei essa fase. O meu pai tinha sido mais próximo da UDN, talvez por causa do Milton Campos, não sei, minha mãe não tinha atuação política. Depois veio a ter. Foi filiada ao PT, foi candidata, em Santos Dumont, a vice-prefeita. Mas, nessa época, não tinha. Atuação... Meu pai acho que foi candidato a vereador uma vez, parece, lá em Santos Dumont. Otávio deve saber isso melhor, porque foi antes da minha coisa. Acho que pela UDN. Tinha apoiado – apoiado não, votado em Jânio Quadros. Minha mãe não tinha atuação política, tinha muita atuação na igreja, coisa de solidariedade social.

M.M. – Eram católicos militantes.

L. D. – É. Os dois, muito católicos. Com forte atuação, principalmente ela... Papai também. Papai era da Sociedade São Vicente de Paula; e a mamãe, com vários movimentos assim, de caridade, assistência social – promoção social, como se falava naquela época, vinculados à igreja. E lá em casa, a gente tinha o hábito... porque não tinha televisão ainda, e mesmo depois que outras famílias na cidade tinham televisão, aí... A televisão, naquela época, era cara. Nós demoramos bastante a comprar. E durante todo o tempo que eu morei em Santos Dumont não tinha televisão em casa. E tinha aquele costume de, à noite, ficar na sala, família grande, ouvindo música e lendo. Mamãe estimulava muito a gente a ler, papai também. E no meu caso particular, as professoras que eu tive na escola primária em Santos Dumont estimularam muito a ler e a escrever. E naquela época, tinha muito concurso de redação nas escolas, tinha... Eu sou professor de português de carreira, não é. Tinha uma coisa, que eu considero... depois, se perdeu um pouco – que era o ensino de leitura; fazia parte do currículo de português. Quer dizer, aquela leitura chamada dirigida, que um lia um



pedaço, outro lia o outro, as professoras recomendavam livros. Viam, também, que a pessoa gostava disso ou daquilo e estimulavam. Eu frequentei bastante, em Santos Dumont também, uma biblioteca pública. Boa, em matéria de literatura, boa assim, de romance, livro de contos, biografias de escritores, de músicos. Agora sempre voltado mais para a questão cultural. Um pouquinho antes de eu sair de Santos Dumont, deve ter sido aos doze anos por aí, os meus irmãos mais velhos junto com outros jovens lá, ou que moravam na cidade ou que faziam universidade em Juiz de Fora ou Belo Horizonte – mas eles mantinham um vínculo com a cidade, fizeram um jornal, esse sim, político, chamado *Mensagem*. Depois foi proibido. Então tinha fulano, que já era médico formado, morava no Rio mas nascido em Santos Dumont, que ajudou a fazer, mandava um artigo. O Otávio mesmo, que é o meu irmão mais velho, (não sei se ele já estava em Belo Horizonte) tinha estudado nos dominicanos em Juiz de Fora, e os dominicanos tinham tradição de participação política muito forte. Frei Beto, frei Tito e tantos outros, frei Elizeu, que, depois, tiveram até uma atuação nacional. Enfim. O meu outro irmão mais velho, Estevão. Aí era um jornal mais político mesmo, tratando de temas econômicos, políticos. E eu, estimulado por eles, com doze, treze anos, escrevi alguma coisa, uma poesia, um fragmento... Não sei como classificar isso. Uma poesia eu me lembro de ter publicado nesse jornal. Mas em Juiz de Fora não. Nós, os colegas de curso clássico, fazíamos publicações, fizemos várias revistinhas por nossa conta, e colaboramos no suplemento, no jornalzinho da escola. Tinha muitos professores progressistas que davam aula no colégio jesuítas. Alguns já eram professores da Universidade de Juiz de Fora, outros estavam fazendo o mestrado no Rio de Janeiro. Era um colégio bastante aberto e com um ensino crítico, fortemente crítico. Pessoas que lecionaram para nós em Juiz de Fora: o José Paulo Neto, que foi – já era na época, nós não sabíamos disso – militante do PCB e foi dirigente nacional do PCB. Hoje é professor no Rio de Janeiro.

M.M. – É. Na UFRJ. Escola de Serviço Social.

L. D. – É. O Gilvan Ribeiro, que é um bom poeta, um bom ensaísta, que é um dos principais professores de literatura da Universidade de Juiz de Fora. Nossa professora de história, depois se tornou professora de história da Universidade da Bahia. E por coincidência, tinha, no colégio jesuítas na época, e todos eles lecionavam no clássico, filologia, fonética histórica, coisas... [ri] As disciplinas eram... não tinham a ver com isso mas... Tinha um grupo de intelectuais de esquerda –, depois, eu vim a saber que eles eram um

grupo, na época eu não sabia –, ligados ao Partido Comunista e muito ligados ao Leandro Konder, ao Carlos Nelson Coutinho, Nelson Werneck Sodré. Era um grupo de lukacsianos, como se falava. Eles... E davam aula lá, de literatura, de português, de história, de fonética, lecionavam para sobreviver, digamos assim; mas acabava que interferia bastante na vida da escola, não é, e eles acabavam nos estimulando muito também, emprestando livros e... Enfim.

M.M. – E aí a sua opção pelas letras.

L. D. – É. Mas eu já gostava muito assim, já lia, antes mesmo de ir para Juiz de Fora, literatura brasileira, literatura francesa traduzida, literatura russa.

M.M. – E por que essa sua opção de fazer vestibular para a UFRJ?

L. D. – Até hoje eu não sei explicar direito. Foi mais uma opção pelo Rio de Janeiro, não pela UFRJ. Porque, aí já no final do curso clássico, eu, além de ler a literatura, lia também um bocado de crítica, de ensaísmo literário. Bem. Autores da primeira metade do século XX ou dos anos 50 e 60 e alguns contemporâneos. Eu tinha lido quase toda a crítica literária do Alceu do Amoroso Lima, do Otto Maria Carpeaux, que sempre foi uma grande admiração minha, do Augusto, do seu conterrâneo Augusto Méier – ou *Maier*, nunca consegui saber como é que ele próprio pronunciava –, Álvaro Lins, um pouco, também, José Veríssimo, Silvio Romero. Quer dizer, isso já com quinze, dezesseis, dezessete anos. E eu tinha aprendido francês com a minha mãe. A minha mãe dava aula particular de francês em casa, e eu ficava fazendo meus trabalhos, coisa de escola, e para não atrapalhar, ela começou a me dar exercícios e outras coisas; e depois, livros em francês de complexidade crescente, eu aprendi; então, alguma coisa também de crítica literária, biografia literária francesa e tal. Então, a decisão por letras, era por gosto mesmo; a literatura já ocupava na minha vida um lugar muito importante, uma paixão. Mas os autores, naquela época, que eu lia, eram os de São Paulo: Antonio Cândido, Araton Rosenfeld, o Alfredo (Boris), que estava começando a emergir como crítico importante; principalmente Antonio Cândido, a minha grande admiração desde aquela...

M.M. – Referência.

L. D. – É. Eu tinha lido também os livros dele todos. Em geral comprava em sebo ou então arrumava emprestado. E Juiz de Fora é uma cidade universitária, tinha uma vida

cultural muito intensa. Muitos grupos de teatro, ópera. Provavelmente, naquela época, era a cidade de Minas mais viva culturalmente; era muito ligada ao Rio de Janeiro, São Paulo e tal.

M.M. – E lá em Juiz de Fora já tinha Faculdade de Letras?

L. D. – Ah, tinha. A Universidade de Juiz de Fora, já existia desde o final dos anos 50.

M.M. – Mas você não quis continuar lá.

L. D. – Não, não . Eu nunca... não saberia dizer o porquê, eu sempre queria ir...

M.M. – Por que a ideia de ir para o Rio?

L. D. – Eu já tinha ido ao Rio várias vezes, a carona...

M.M. – As pessoas de Juiz de Fora gostam muito do Rio. Tem até... como é que a gente chama?...

L. D. – É. Mas eu sou de Santos Dumont. As pessoas de Santos Dumont também gostam. Cariocas do brejo.

M.M. – Cariocas do brejo, exatamente.

L. D. – É. Não, mas eu já queria ir para o Rio antes. E eu ia muito ao Rio, pegava carona. Aquela época foi uma época de muita carona, não é. Depois, eu viajei, rodei o Brasil inteiro, fui até Belém do Pará de carona e tal. Mas eu gostava mais do Rio como cidade. Eu conhecia as duas, tinha ido a São Paulo, também de carona, fui até Santos, não sei o quê. Caminhão, não é. Eu pegava carona, em geral... Mas eu gostava mais do Rio como cidade. E a opção, então, pelo Rio foi mais como cidade.

M.M. – Pela cidade do que propriamente pela UFRJ.

L. D. – É, mais. Até porque as pessoas que naquela época tinham mais peso na república das letras no Rio de Janeiro, eu não tinha afinidade. Afrânio Coutinho, Eduardo Portela...

M.M. – Você não tinha muita conexão.

L. D. – Não. Eram os nomes assim mais famosos, não é, da Faculdade de Letras da UFRJ. Então, se fosse por isso, eu não teria ido para o Rio. Eu acho que fui para o Rio mais por razões existenciais assim, de...

M.M. – Em que ano você foi para o Rio?

L. D. – 73, ou 72? Depois eu confirmo. Mas foi um desses dois anos. Eu logo que completei o curso fiz vestibular na UFRJ. Tinha que ser uma universidade pública, porque eu não tinha... Ou seja, foi pela cidade mesmo. E no Rio, eu fui morar na casa... Ah, isso também pesou um pouco. Aqui em São Paulo, eu não tinha nenhuma referência familiar. No Rio, também, não tinha muita, mas tinha um primo meu, chamado Walter, cego, inclusive, que era... Acho que hoje ele é analista de sistema. Inclusive era programador de computador. Ele morava na Casa do Estudante Universitário; que primeiro foi na Lapa, ali quase em frente à Sala Cecília Meirelles; depois, foi derrubado para passar o metrô embaixo, e não foi reconstruído. E naquela época, no período que eu estava mudando, justamente por causa do metrô, ela foi transferida para Botafogo, ali...

M.M. – É. Morro da Viúva.

L. D. – No Morro da Viúva. Na avenida Rui Barbosa. Vou homenagear aqui o Skromov, vou dizer 762. [risos] O número... Que era a antiga Escola Ana Néri de Enfermagem, da UFRJ. Então, isso também me facilitou um pouco, porque eu não tinha onde ficar. E eu não tinha condição de...

M.M. – Alugar um apartamento.

L. D. – Não. De jeito nenhum. Mesmo para pagar pensão seria difícil, naquele momento, sabe. Então, a Casa do Estudante era gratuita. Era uma casa para estudantes chamados carentes. Tinha uma seleção. Eu fiz a seleção, entrei. E durante todo o curso universitário eu morei lá, mesmo quando eu já trabalhava. Porque...

M.M. – Você começou a trabalhar no Rio, também?

L. D. – Porque, no final do meu período em Juiz de Fora, eu comecei a dar aulas já. Tinha aula particular e também um cursinho supletivo de primeiro grau. Eu comecei a dar aula, na verdade, com quinze para dezesseis anos. Eram aqueles cursos livres, não é. O pessoal frequentava o curso mas fazia o exame...

M.M. – Madureza. Eu dei aula nesses cursos também.

L. D. – É, exatamente. E ali não tinha nenhum critério para contratar os professores. Esse cursinho que... chamado UAI, não por acaso chamado UAI. E era improvisadíssimo e

tal. Para eles contratarem, não é, para dar aula, uma pessoa de dezesseis anos... E não assinavam carteira, pagavam por fora...

M.M. – É. Era uma coisa muito precária.

L. D. – Mas para mim era bom.

M.M. – É. Faturava um dinheirinho.

L. D. – Faturava um dinheirinho e permitia ter o mínimo de coisa; e não depender, também, de apoio de casa, que era muito difícil. Nesse mesmo período, em Juiz de Fora, eu trabalhei um pouco como uma espécie de boy – não tinha esse nome, porque... fazia coisa dentro, fazia coisa fora – na Sociedade São Vicente de Paula, que meu pai era...

A. F. – Estafeta.

L. D. – É. Mas nem sempre, porque às vezes era... Ele era o contador, o rapaz, chamado Pascoal, era o contador da Sociedade São Vicente de Paula. E às vezes, ele me dava um negócio para transcrever no livro, às vezes me mandava fazer coisa em banco. Foi antes de dar aula. Depois, eu comecei a dar essas aulas, de uma maneira muito precária, mas, em todo caso, para mim foi muito importante, no sentido assim de consolidar o gosto por dar aula. Isso ajudou, também, a tomar a decisão de estudar letras, porque...

M.M. – Fazer licenciatura.

L. D. – Fazer a licenciatura. Porque, como meu avô tinha sido advogado, juiz, mamãe, às vezes, falava...

M.M. – Ficava com esses sonhos.

L. D. – É. E eu hesitei um pouco. Mas aí... Negócio de dar aula, mexer com português, não é... Para poder dar aula de português, eu tive que me preparar melhor, estudar um pouco as gramáticas e tudo. Bem. E no Rio, eu fiz a mesma coisa.

M.M. – E como foi a chegada na UFRJ? E como era o clima? Porque era um período difícil.

L. D. – Foi um período... Bem. Coincide com o período mais duro do governo Médici.

M.M. – Da ditadura.

L. D. – Não só da ditadura, mas... quer dizer, foi o auge da repressão e tudo. A nossa faculdade era isolada. Na avenida Chile, em frente à Catedral, lá tinha sido, se eu não estou enganado, uma exposição de Portugal. Fizeram uns campões, umas coisas; e, depois que acabou a exposição, instalaram ali a faculdade. Muito precária. Cheia de goteira, sabe. Não era construção de alvenaria, tinha muita coisa de gesso... Era um negócio muito ruim. E isolada, portanto. Não estava no campus. Até porque o campus estava começando a ser...

M.M. – Até hoje, a UFRJ é fragmentada; mas, naquela época, era mais ainda.

L. D. – É. Agora... Na Urca, em todo caso, tinha várias faculdades. Economia, as licenciaturas...

M.M. – Administração, Psicologia.

L. D. – Administração. Comunicação, parece que era lá também, não sei.

M.M. – Também.

L. D. – No IFCS, na praça... no largo de São Francisco, também, tinha mais de uma.

M.M. – Tinha. Filosofia, Ciências Sociais e História.

L. D. – É. Quer dizer, a Letras não. Era só a Faculdade de Letras. E a grande maioria dos alunos, que no caso eram alunas... não sei quantos, mas... com certeza, tinha mais de dois mil alunos e alunas lá, no total, na época.

M.M. – Ah, é? Muita gente assim, é? Eu não imaginava isso.

L. D. – Era muito grande. Muito. É. E, grande maioria, mulheres e, a maior parte, professoras primárias. Naquela época, as professoras primárias estavam procurando fazer curso universitário porque havia... tinha incentivos para deixar de ser professora primária e virar professora de ginásio. Estava começando no Brasil, também, o chamado pagamento por habilitação, que depois virou uma bandeira nossa, do movimento sindical dos professores; quer dizer, que a pessoa poderia permanecer no nível em que ela lecionasse mas ganhando pelo curso. Enfim. Então houve uma série de medidas estaduais, nacionais de incentivo. E a maior parte, não saberia dizer que percentual mas, a grande maioria eram pessoas do subúrbio do Rio e professoras primárias. E muitas, casadas, já com filhos pequenos, aquela faixa etária, então... era gente que tinha... na maioria, não todos, mas... quer dizer, davam aula no período em algum bairro do subúrbio, da Zona Norte e tal, estudavam e ainda cuidavam...

M.M. – Cuidavam da família.

L. D. – Cuidavam de casa e tal. Eu estou falando isso, primeiro, porque caracteriza um pouco o ambiente, depois, porque tem a ver com o fato de que lá, na Faculdade de Letras, não tinha assim um forte movimento estudantil. Tinha. Movimentações estudantis. Mas não... DA, CA, tudo era proibido...

M.M. – É. A UFRJ sofreu uma repressão muito grande.

L. D. – É, muito grande.

M.M. – Eu me lembro, quando em fiz vestibular, já em 69, eu não quis ir para a UFRJ por isso, porque a repressão tinha sido tão grande... Eu preferi ir para a UFF, que era menos controlada.

L. D. – Pois é. E autores, alguns autores eram... não estava escrito em lugar nenhum mas, eles eram vetados. Brecht... Me lembro de alguns que, na época, o pessoal falava. Maiakovisky. Tinha autores que eram vetados, quer dizer, não eram ensinados. Grandes autores, que faziam parte dos cursos, nem mesmo em português – russo, não, português – alemão, que tinha literatura alemã. E dirigia a Faculdade de Letras... Tinha professores que resistiam, professores progressistas; então eu estudei com alguns, que foram importante na minha formação pessoal. Mas esses não participavam no processo de direção. No período que eu estudei lá, boa parte do tempo, o diretor era o Afrânio Coutinho, um homem ultraconservador do ponto de vista político, não é.

M.M. – É, muito conservador.

L. D. – O Celso Cunha era decano. Um excelente gramático, filólogo e tal mas, também, muito conservador. Tio do governo Aécio Neves. Eu mesmo, eu tive uma professora de grego... excelente... Prova de que orientação político-ideológica não determina a qualidade pedagógica, não é. Mas, tive uma professora de grego que... – que foi ótima professora, passei a gostar muito de grego com ela –, que era casada com um general da ativa, então... não era só uma pessoa assim... digamos, que tivesse uma opinião conservadora, ela quase que representava, sabe, a ditadura.

[FINAL DA FITA 1-A]

L. D. – Os professores que me marcaram mais. Essa professora de grego, que era casada com um general e ultraconservadora, e assim, ostensivamente conservadora, mesmo que ninguém perguntasse nada a ela, ela fazia questão de...

M.M. – Se posicionar.

L. D. – Se posicionar, de comentar fatos, não é, sempre numa linha... Ninguém podia dizer nada, não é. Chamava Guida. Essa, eu lembro do nome também. Guida Parreiras Horta. E que tinha uma visão também... eu diria assim, um método de análise dos textos literários ou teatrais da Grécia antiga, um método muito... digamos assim, à luz da crítica literária contemporânea ou da análise cultural contemporânea. Era um método bastante arcaico. Mas era uma pessoa apaixonada pela cultura grega e que...

M.M. – Transmitia muito bem o conhecimento que ela tinha.

L. D. – Transmitia. Transmitia, é, socializava a sua paixão.

M.M. – Mas você não teve, então, militância, praticamente.

L. D. – Alguma. Mas foi predominantemente cultural, também. Na Faculdade de Letras, a professora que me marcou muito foi a Heloisa Buarque de Holanda.

M.M. – Que destoava um pouco desse quadro.

L. D. – Destoava, é. E a Heloísa, eram cursos optativos sobre autores ou personalidades. Então eu fiz um curso com ela, por exemplo, sobre Tristão de Athayde. E eram oito ou nove alunos; e a gente estudava a obra do Tristão de Athayde, depois, a gente ia com ela lá em Petrópolis, na Mosela, na casa do Tristão de Athayde, conversava com ele, fazia os trabalhos e tal, no final...

M.M. – Você chegou a ser aluno de uma assistente da Heloísa, Dora Rocha?

L. D. – Não. E, no final do curso, os alunos faziam um super 8 sobre o autor estudado. Ela tinha feito um... mas esse eu não... que foi sobre Joaquim Cardoso, sabe. Então... isso é interessante, porque isso me fez conhecer uma série de... No caso do Tristão de Athayde, reencontrar. Eu me lembro de um caso engraçadíssimo. Eu... sei lá quantos anos... dezenove anos, falei com ele, e ele reagiu com a maior simpatia, com aquele sorriso luminoso que tinha. Eu disse lá que ele era uma maravilha, uma pessoa fantástica, um símbolo da



resistência democrática, da tolerância, tudo, mas que ele escrevia melhor antes da conversão. [risos] O que, aliás, é verdade. Eu sustento até hoje. [ri] Mas quando eu falei isso lá, imagina, numa roda, na frente dele, ele falou: “Ah, o Sérgio Buarque de Holanda falou isso comigo; e, na época, eu fiquei chateado. Mas hoje eu reconheço que é verdade, porque eu, depois, me preocupei muito com a doutrina; e antes eu... o beletrismo...” Fez toda uma coisa lá. Achei a maior graça. Bem. A Heloísa foi uma. Outro dia, eu vi, na televisão, o professor de português, o José Carlos Azeredo, um excelente professor também, que dava um sentido muito forte ao ensino de português e à língua como instrumento social, da cultura, da vida social. Ah... tive...

M.M. – Bons professores.

L. D. – É. Bons professores. Não muito notórios.

M.M. – Mas lá na Casa do Estudante Universitário devia ser um clima mais propício para a militância política, não?

L. D. – Então. Na Faculdade tinha um espaço, na Faculdade de Letras, chamava Seminário Mário de Andrade, SEMA, que era um biombo para fazer atividades, mobilizações, correntes de esquerda clandestinas que estavam por lá, a gente ou sabia ou não sabia muito bem quem eram as pessoas, tal. Ali a gente fazia uma coisa que era político-cultural, eu diria, mas já transitando mais para a política.

M.M. – Mas você se filiava a alguma orientação?

L. D. – Naquela época, não. Durante o meu período universitário eu não fui vinculado – formalmente, não. Às vezes, a gente participava de grupos, não é. O que depois, na esquerda, foi chamado de área de influência, talvez. Mas convivia com militantes, a gente sabia que eram, flagrantemente, eram militantes clandestinos, pelo tipo de proposta que defendiam, que deviam ser vinculados a essa ou aquela corrente. Eu, uma vez ou outra, fui convidado para... Mas não, como estudante universitário, não, nunca participei de nenhuma célula nem nada. Reuniões assim; mas não me integrei formalmente a nenhum grupo. Agora...

M.M. – Você se formou em que ano? 77?

L. D. – 77. Agora... tinha movimento, porque, à medida que foi evoluindo a década de 70, a situação foi ficando menos pesada, e aquilo que era... Por exemplo, nós trouxemos... ou articulamos com eles, acho que eles já estavam no Brasil, grandes escritores portugueses antifascistas, de esquerda, para fazerem palestra. Eu me lembro que tinha Augusto Abelário, que é um grande escritor, o Bernardo Santarém, que é o maior teatrólogo português da segunda metade do século XX. E todos eles eram, também, atividades de esquerda, e vinham falar, na condição de estrangeiros, acabavam falando em defesa da liberdade de expressão, contra a censura; quer dizer, as coisas foram ganhando, cada vez mais política. E já de 75, por aí, em diante, a gente fazia movimentos na Letras, que era – contra o preço do bandeirão, pela melhoria das condições até sanitárias da Faculdade, porque o prédio era muito precário. Enfim, coisas da vida universitária. Mas como o clima de repressão era muito grande, a direção da faculdade era muito obscurantista, mesmo para os padrões dominantes na época, aquilo virava... tinha um certo frisson, assim, político. Fazia assembleia e tal. Já no meu último ano, se eu não estou enganado – porque eu não tenho uma ótima memória para essas coisas, não – aí, já tinha uma retomada de movimento estudantil, na cidade, na PUC, principalmente, aí a gente ia. A Faculdade de Letras não liderava esses processos, nem tinha ninguém lá que fosse grande porta-voz não. Já no final, também, do meu curso, por razões... de conhecimento de um, de outro, de amizade, nós estávamos começando a acompanhar coisas de anistia.

M.M. – É. A grande marcha da anistia no centro da cidade Rio de Janeiro é nessa época.

L. D. – É. Uma...

M.M. – Você se engajou um pouco nisso, ou não?

L. D. – Não. Eu participei... Vou até dizer o quê. Tinha uma grande amiga minha, Sonia Palhares, que atuava nisso, outra – que até está aqui, Susana, e o André Laza estão aqui, no Ministério da Educação, hoje. Não. A Susana está na Secretaria de Defesa dos Direitos da Mulher. O André está no Ministério da Educação. Foi vice-reitor da UERJ, depois. Convidado por eles, eu me articulei um pouco. A Sonia, depois, veio a se casar com o Alex Polari, que era preso político. Eu, inclusive, por essas relações de amizade, de companheirismo e tudo, nesse ambiente, que era um ambiente de esquerda, eu até ajudei a fazer um livro – a fazer quer dizer a editar, fora da cadeia, um livro de poemas do Alex

Polari, que a Sonia tirou de dentro da cadeia, que se chamava, se eu não estou enganado, *Camarim de Prisioneiro*. Aquilo fazia parte. Era o fora e o dentro e tudo. Então tinha um pouco de movimento, que já poderia ser caracterizado como movimento estudantil, na própria faculdade e na cidade. Essa questão da anistia, dos presos políticos, das liberdades democráticas, assim... embora eu não fosse liderança, não é. E eu participei também da tentativa de montar uma chapa de oposição para o Sindicato de Professores do Rio, porque eu dava aula, não é. Dando aula no Santo Inácio...

M.M. – Ah, você dava aula no Santo Inácio.

L. D. – É. Nesse período, eu dava aula no Santo Inácio, ali na rua São Clemente, principalmente, no noturno. O Santo Inácio tinha um bom curso noturno mas para população carente; muita gente da favela lá em cima...

M.M. – Do Santa Marta.

L. D. – É. Mas de outras regiões, também, do Rio. Tinha muita empregada doméstica, muito porteiro. Era um excelente curso. Aí era supletivo também, mas supletivo com avaliação no processo. E eu também não tinha tanto tempo para outras atividades porque eu...

M.M. – No colégio você nunca deu aula. Era só no noturno.

L. D. – Era no colégio, tudo lá.

M.M. – Eu sei. Mas não era o curso regular.

L. D. – Não, não. Dei aula em outros cursos, em outros supletivos, outras coisas, no Rio de Janeiro. Cursinhos. Trabalhei em vários cursinhos. E além disso ainda tinha, na Casa do Estudante Universitário... Porque, já naquela época, a universidade queria tomar o prédio de volta.

M.M. – É. Essa foi uma luta enorme.

L. D. – Foi uma longa luta. E nós, os moradores, os estudantes que moravam, adotamos como estratégia, até para conservar o prédio, para não sermos transferidos, para não ser extinta a Casa do Estudante, de ceder o espaço lá para uma série de movimentos. Então, por exemplo, o *Brasil Mulher* começou a funcionar numa sala, permanentemente; um jornal

alternativo chamado *Bagaço*, que tinha na época, e até coisas menos progressistas, mas que... Seicho-no-Ye, por exemplo, porque nós precisávamos de respaldo...

A. F. – Aliados. [ri]

L. D. – Aliados, exatamente. Era um política de alianças. Na Casa do Estudante, eu fui eleito lá, porque lá o estudante elegia, eu fui eleito lá... não sei o nome do cargo, eu era presidente, durante um período eu fui diretor-presidente.

M.M. – Foi a sua primeira entrada na vida política.

L. D. – É, faz sentido, é. Mas era uma coisa... Eu acentuei muito, a nossa diretoria acentuou muito essa questão, isso de abrir para o *Bagaço*, para o *Brasil Mulher*, para o movimento... não sei se era para o CBA ou para o Comitê Feminino de Anistia...

M.M. – CBA.

L. D. – Porque tinha...

M.M. – Tinha dois.

L. D. – Tinha o da dona Laíra Maia, que era feminino. Tinha o outro... E nós emprestamos, também, para um outro desses. Aí já na época em que eu era diretor...

M.M. – Presidente.

L. D. – É. Não sei se era presidente. Diretor-geral. Tinha uns nomes assim. Diretoria de três ou quatro, eleito pelos próprios estudantes. Mas as diretorias anteriores, às vezes... cuidavam só de... de limpeza, não é, de alimentação...

M.M. – Você emprestou um caráter mais...

L. D. – Não só eu, mas os outros companheiros que estavam lá, não só político mas mais cultural também. Fizeram o filme... Ah! nós construímos um teatro. Teatro da CEU, que teve um certo papel na vida cultural do Rio, depois. Por exemplo, aquele grupo... que tem esses meninos todos aí...

A. F. – Asdrúbal.

L. D. – O *Asdrúbal trouxe o trombone*, no seu início, ensaiava lá. Alguns atores, até consagrados, que não tinham onde ensaiar. Depois eu lembro o nome, se tiver interesse. A

gente cedia, gratuitamente, sabe. Então isso também criou... E durante todo esse período eu continuei participando de iniciativas culturais.

M.M. – Mas você falou que participou de uma chapa para o sindicato.

L. D. – O sindicato. Nós não conseguimos, quer dizer, a Delegacia Regional do Trabalho não aceitou, porque nós articulamos, juntamos pessoas que davam aula em vários lugares, mas as exigências eram tão absurdas... que, na verdade, era para impedir que se registrasse uma chapa. Isso acho que foi em 76, 77. Em outras regiões do país, mesmo no Rio, em outras categorias profissionais, isso aconteceu também. Quer dizer, você preenchia os requisitos, mas eles faziam exigências que você não tinha condição, e no final você não conseguia registrar. Quer dizer, ainda as condições não estavam maduras para a oposição sindical, principalmente no Rio de Janeiro, não é, com o nível de repressão que houve no Rio. E havia ainda... Porque naquele período, no período em que eu estudei na universidade, mesmo no final, 76, 77, ainda tinha muitos jovens presos. Bem, até o final, 79, ainda tinha presos. Bem. E durante toda essa época eu continuei. De vez em quando, escrevia um artigo num jornal, um artigo numa revista, sobre literatura, resenha literária, uma tentativa de crítica literária. Particpei junto com outros colegas de revistas. Naquela época estava bem vigoroso já o chamado movimento de poesia marginal, que por sua vez tinha uma afinidade com a Heloísa Buarque, grande...

M.M. – É. Cacaso.

L. D. – Cacaso, eu conheci pessoalmente. Cacaso era mineiro de Uberaba. Aí nós... Não tive grande intimidade com ele...

M.M. – Ana Cristina César.

L. D. – A Ana Cristina César eu conheci através da Heloísa Buarque. Não era pessoa da turma dela; mas convivi um pouco com ela. O Chacal e outros poetas. E eu... Porque, até os vinte anos, eu escrevia alguns poemas. Poucos. Depois dessa idade descobri que eu não tinha vocação, que eu era racionalista demais para escrever boa poesia. [ri] Mas... sabe, depois, já não queria mais, achava que não era o caso, mas participava das revistinhas, escrevendo sobre poesia, às vezes alguma coisa sobre cinema; mandava artigos para os jornais de Juiz de Fora. Então eu continuei assim, eu nunca deixei de ter uma militância

cultural de algum tipo. Aliás, mesmo depois, como deputado, etc., eu continuei a ter uma militância, eu diria assim, literária, cultural.

M.M. – Quando você se forma, você resolve voltar para Minas?

L. D. – Não. Eu fui para o Pará primeiro. Então. Eu diria que no final, não é, do meu período no Rio de Janeiro, essas atividades todas já tinham uma dimensão política. E eu já tinha, de maneira bem consciente assim, convívio com pessoas que eram militantes clandestinos e que atuavam na universidade, digamos, em função de uma perspectiva política, de uma maneira orgânica, arregimentando militantes, etc.. Boa parte dos meus amigos do Rio de Janeiro naquela época, e alguns colegas de faculdade, eram ligados ao MEP, o Movimento de Emancipação do Proletariado. E eu convivi...

M.M. – Mas você não tinha se vinculado.

L. D. – Vinculado formalmente, de me tornar parte de uma célula e tal, não. Mas convivia bastante com eles, então eu estava...

A. F. – Numa área próxima.

L. D. – É, eu acho que seria. Mas uma área próxima... não iludido assim, tangido pelos outros, não. Eu estava ali, participava de determinadas iniciativas junto com eles, eles, às vezes, me passavam alguns textos, mas eu não tinha me...

M.M. – Um compromisso de filiação.

L. D. – Não. Não. Não participava de nenhuma célula, não tinha feito os rituais de passagem, de centralismo democrático, não sei... Isso aconteceu comigo depois, por um período, mas não no período em que eu estava no Rio de Janeiro. Bom. Aí, por razões pessoais, que não acho que fosse o caso de explicar aqui mas... Tinha um irmão meu que estava morando no Pará, eu queria ir visitá-lo, outras coisas...mais pessoais mesmo, certa saturação de determinadas coisas no Rio de Janeiro e tal, eu passei um tempo viajando de carona, alguns meses, fui até o Pará. Eu ia ficar, e voltar. Tanto é que eu... era período de férias, final de ano, eu não tinha me afastado do Santo Inácio nem nada...

M.M. – Tinha ido com a intenção de voltar.

L. D. – É, de retornar ao Rio. Mas eu gostei muito do Pará, fiz amizades lá, e as condições eram muito precárias, também, de sobrevivência, então tive que trabalhar logo; comecei a dar aula num curso, num cursinho...

M.M. – Você tinha um irmão que morava lá.

L. D. – É. Mas ele estava trabalhando numa fábrica de palmito. Primeiro, cortando palmito, e depois...

M.M. – Ele era militante político?

L. D. – Não, não, nada. Pelo contrário. Nunca tinha sido militante político. E eu não fui para lá por razões políticas também. Não tinha nenhum contato. De certa forma, eu estava me afastando da...

M.M. – Dando um tempo.

L. D. – Dando um tempo. Exatamente. Mas era um tempo menor que eu imaginava. Acabei gostando do Pará e gostando da experiência de viagem, fiquei lá um período maior do que eu imaginava.

A. F. – Em Belém mesmo?

L. D. – Em Belém. Lecionando português e redação, técnicas de redação. Que, em vários períodos, também, eu ensinei isso. Cheguei a fazer muitas apostilas, quase que manuais de ensino de redação. Bem. Fiquei no Pará algum tempo. Depois... eu estava voltando para o Rio de Janeiro, parei em Belo Horizonte para ficar um mês, [ri] e estou lá, residindo, até hoje.

A. F. – Em Belém então foi quanto tempo?

L. D. – Um ano, ano e meio, talvez.

M.M. – E você fez alguma militância política em Belém?

L. D. – Não. Nada. Não conhecia...

M.M. – Mas a sua uma carreira é fantástica! Porque você... Na verdade, olhando aqui os dados, você custa muito a entrar numa militância mais efetiva. E aí, quando nasce o PT, você entra...

L. D. – Não, não, mas aí já tinha... no movimento sindical.

M.M. – Mas é muito pouco tempo.

L. D. – É, é. Mas foi muito intenso. Bom. Eu não quero também dar uma ideia errada. Eu acho que essas várias atuações assim, fragmentadas, eu não era um militante de uma corrente, que fosse escalado – você vai ficar aqui, você vai trabalhar em tal coisa. Não. Nessa época, não era. E mesmo depois, não fui escalado, porque foi uma outra situação. Mas eu acabava vivendo muito em ambiente de esquerda, não é. Muito. Quer dizer, praticamente, todas as minhas relações eram ambiente de esquerda. Agora sempre tendo uma atuação política, em alguma medida, não é – chapa de oposição, na própria Casa do Estudante, essas coisas – mas também fortemente cultural. Quer dizer, que não seria muito cabível, pensável, se fosse uma militância clássica de esquerda, que você concentra toda sua energia numa determinada tarefa. Não. Eu ia fazendo as coisas conforme o interesse. Então, assim, às vezes levava três meses para conseguir editar uma revistinha daquela, aí levava mais um mês para arrumar um lugar para lançar a revistinha; quer dizer, e tudo isso não é compatível com uma... aquele negócio, a célula, não sei o quê, não é? Aquela coisa. E eu, de fato, não era porta-voz de nenhuma corrente. Bem. Voltando do Pará, eu ia ficar um tempo em Belo Horizonte, e acabei me radicando lá. E comecei a trabalhar... quer dizer, voltei a trabalhar. Porque, se considerar que eu comecei a dar aula com dezesseis anos...

M.M. – É. Já tinha uma longa carreira.

L. D. – É, uma razoável... Eu quando cheguei em Belo Horizonte tinha vinte e três, então já tinha sete anos que, de um jeito ou de outro, eu estava dando aula. E com grande prazer assim. Eu... minha... se é que se pode falar essas coisas, minha vocação...

M.M. – Vocação docente.

L. D. – Ah, é. Muito grande. Eu tinha tido até, no Rio, convite para começar como professor auxiliar, porque naquela época não tinha concurso, não é. E eu estava gostando tanto de dar aula em primeiro e segundo grau, que foi o que eu sempre fiz na minha vida, com uma pequena exceção de aula de grego, que eu dei numa extensão da Universidade Católica, lá em Minas, mas eu sempre... gostando de dar aula de português, e não de literatura, que eu descobri que... quer dizer, pelo menos para mim, se você gosta demais de uma coisa, é o caso meu com a literatura, não, necessariamente, você deve dar aula daquilo, porque você pode perder um pouco o gosto, pelo menos no caso da literatura, eu me dediquei



muito a estudos de língua portuguesa, de ensino de português, metodologia de ensino de português, metodologia de alfabetização. Coisa que não era tão comum naquela época, porque as pessoas mais politizadas ou iam para a literatura ou para a lingüística, porque a lingüística estava numa... era uma espécie de disciplina...

M.M. – Em alta.

L. D. – Estava em alta, como uma suposta disciplina matriz das ciências humanas, não é. Português não tinha muito prestígio na universidade. Mas eu adorava dar aula de... (português). Até hoje...

M.M. – E você fez concurso para o estado, em Minas? Ou dava aula em curso particular?

L. D. – Então. Eu comecei, em Minas, dando aula num cursinho... Esses nomes não interessam.

M.M. – É. Não.

L. D. – Num cursinho. Logo fui para uma escola estadual, mas não como concursado, naquela época. Porque Minas tinha sessenta mil professores precários. E como eu tinha experiência, tinha gosto e, modéstia à parte, era e – se me permite – sou bom professor, [ri] com prazer de explicar, de... o sentido das coisas e tudo... Bem. Eu estava dando aula, lá em Minas, em dois, três lugares diferentes, seis aulas aqui, sete ali, de ônibus, para cá, para lá, morava... primeiro, rapidamente, fiquei com um irmão, depois fui morar em pensão... Em Minas eu morei, primeiro, numa espécie de pensão, na casa de um rapaz, assim, dois num quarto. Aliás, morei muitos anos da minha vida assim, três num quarto, eu e dois caixeiros-viajantes. [ri] Eu, um ferroviário e um... sei lá, porteiro de não sei onde. Nunca morei em república. Muita gente morou em república de estudantes, não é. Não. Eu acabei morando em pensões, aquelas pensões assim. E gostando de morar em pensão. Porque você tem mais autonomia. E aí, em Minas, eu comecei a... Duas coisas aconteceram. Uma é que companheiros do MEP, aí sim, dirigentes do MEP, que tinham fugido do Rio de Janeiro porque houve – em 78, se eu não estou enganado, houve várias prisões de dirigentes do MEP. Eu me lembro que o Sidney Lianza, por exemplo, que depois foi... ele é engenheiro, depois foi da COPPE, UFRJ, foi preso nessa época, o Artur Obino Neto, na área de informática, foi assessor do Jorge Bittar como deputado, eles eram dirigentes do MEP. E alguns, não esses

mas, foram presos no Rio. E essas prisões resultaram... Sim. Dirigentes ou pelo menos... enfim, lideranças, não é, tem vários espaços, fugiram para outros estados. E eu estava em Minas, dando aula, não fui para Minas por contato político, nem sabia que essas pessoas estavam lá, só tinha alguns contatos familiares e... Por exemplo, quando eu cheguei em Minas, eu ajudei, os dois primeiros meses, a fazer um jornal chamado *Sem Flores*, que era sobre cinema, literatura. Escrevi um artigo sobre Pasolini: se chamava *Pasolini sobe aos infernos*, sobre o *Teorema*.

M.M. – Esse filme, naquela época, foi um acontecimento.

L. D. – É. E ajudei, aí, tentar arrumar algum dinheiro para fazer o jornal e tal. E... Bem. Eu fui, então, procurado por esses companheiros, final de 78, não sei... aí eu não me lembro, exatamente, dessas datas – mas foi nessa passagem de 78 para 79. Eles já sabiam que eu estava lá. E nós estávamos começando a fazer algumas reuniões de professores. Acho que eles devem ter ficado... por causa de reuniões de professores, tinha havido as greves de metalúrgicos em 78, e nós começamos a fazer, em janeiro, se eu não estou enganado, de 79, reuniões de professores, que eram da rede particular, naquele momento não era na rede pública. Eles devem ter sabido por causa disso, porque a gente... a Faculdade de Filosofia, que lá em Belo Horizonte chama FAFIXE, nos emprestou uma sala para fazer uma reunião de professores. Dez, doze, sei lá, oito professores. A ideia desses professores era convocar uma assembleia, já que o sindicato da rede particular era dirigido por um pelego histórico, daqueles que... do tempo, ainda, dos interventores de 64. Bem.

M.M. – Esse é um período em que houve uma mobilização muito grande no movimento de professores de ensino de primeiro e segundo graus. No Rio também, a época da mobilização do SEP contra o governo Chagas Freitas, foi um movimento enorme.

L. D. – É, exatamente. Eu participei, no Rio... Eu esqueci de falar. Eu tinha participado porque nós emprestamos a Casa do Estudante, também, para as primeiras assembleias de uma coisa que depois veio a se chamar a SEP, Sociedade Estadual de Professores, que resultou, mais adiante, no SEP, sindicato. Não me lembro se era 77. Era antes de eu ir para o Pará. Pessoas que foram meus conhecidos naquela época: o Godofredo Pinto, depois virou deputado, o Ítalo Moriconi, que é professor da UERJ, de literatura, hoje, não é. Eles eram... E outros, que não me lembro de todos. De vez em quando, eu encontro por aí a turma. Então eu tinha participado um pouco; quer dizer, além daquela chapa, tentativa de chapa no

Sindicato dos Professores, também... Dois processos sindicais, de clara vocação, intencionalidade sindical. E aí eu li alguma coisa sobre sindical e tal, mas como leitura complementar, nunca fui especialista em nada disso. Voltando, então, para Belo Horizonte. Nós já tínhamos feito uma ou duas reuniões de professores, quando esses companheiros que eram do MEP me procuraram. Aí eu fui me aproximando deles e... Aí, sim, em 79, meados de 79... Posso estar errado em termos de data mas não de período e o processo. Aí, sim, eu me tornei militante do MEP. Eu fiquei no MEP o quê? Um ano e meio, talvez mais um pouco. Porque em 81...

M.M. – Aí já estamos quase na fundação do PT.

L. D. – É. Não. Mas o MEP durou bastante, depois.

M.M. – Você continuou vinculado.

L. D. – Não. É. Na Fundação do PT, eu estava vinculado. Mas logo depois, assim, meses depois, o MEP orientou todos os militantes da área de educação a apoiarem a criação de uma entidade nacional de professores, que foi criada, contra o meu voto. Se chamava UNAT. Porque havia a Confederação dos Professores do Brasil, que era dirigida pelo Hermes Zaneti, que depois foi deputado pelo PSDB do Rio Grande do Sul. As forças de esquerdas, clandestinas naquela época e tal, a maioria delas fechou na ideia de criar uma entidade livre, paralela, na verdade. Eu não concordei. Achei que ela não era viável, que não tinha estrutura para..., que nós estávamos numa etapa de ganhar as entidades estaduais, reconstituir, criar, dependendo do estado, fazer chapas de oposição; que era um erro investir todas as energias para criar uma entidade nacional. Quer dizer, que era muito artificial isso; respondia a uma lógica mais política estrito sensu do que sindical. E então, numa reunião nacional do MEP, acho que foi no segundo semestre de 2001, eu estava participando, não concordei, eles disseram então que eu teria que... enfim, centralismo democrático, falei não, não vou fazer isso. Eu tenho... Eu era presidente, já, da nossa entidade lá em Minas. Eles queriam até que eu fosse...

M.M. – Sindicato dos Professores de Minas.

L. D. – É. União dos Trabalhadores...

[FINAL DA FITA 1]

M.M. – Vamos arrematar bem...

L. D. – Organizar.

M.M. – É. Para não perder. Porque a gente trocou a fita. Então você estava falando que você ficou, na verdade, muito pouco tempo no MEP, por essa discordância.

L. D. – Não, não foi um tempo tão grande, comparado com outras pessoas que militaram durante um tempão em outras organizações. Mas se eu falar que foi muito pouco tempo, dá a impressão que isso foi uma coisa irrelevante para mim. Não, não. Foi relevante. Foi o período em que eu mais... quer dizer, que eu fiz alguma leitura sistemática de clássicos do socialismo, foi o período em que eu, estando no movimento sindical mas ao mesmo tempo com, digamos, apoio e uma certa orientação de um partido clandestino, fiz análise mais metódica de certas questões de economia política, etc. etc.. Eu não acho que tenha sido irrelevante, não. Agora o fato é que eu já cheguei ao MEP, digamos assim, tanto quanto se pode dizer isso na vida, não é, com uma personalidade, não só assim humana, mas digamos, com uma postura política mais ou menos formada. Tanto é verdade que, quando nós começamos essa movimentação de professores lá em Minas, em final de 78, início de 79, já nas primeiras reuniões, sem que eu estivesse vinculado a nenhuma corrente política e nem sendo belo-horizontino, que eu não nasci lá e nem tinha feito faculdade lá...

M.M. – Você nem tinha uma rede tão grande de pessoas lá. Nunca tinha morado lá.

L. D. – Não. Não. O meu irmão estava em Londres nessa época, fazendo doutorado, Otávio, então, não tinha assim nenhum motivo para que as pessoas me... Mas talvez, por isso mesmo, por não pertencer, naquele início, a nenhuma corrente e...

M.M. – Como é que estava organizado o cenário político lá, nesse momento, nos grupos de esquerda?

L. D. – O ambiente de esquerda?

M.M. – É, o ambiente de esquerda.

L. D. – Na área de professores, o PC do B tinha um peso grande mas, sobretudo, nas escolas privadas: professores universitários, da PUC, de universidades privadas. O MR-8 tinha algum peso, também na área privada. Estavam começando a Energia, algumas correntes trotskistas, principalmente a Convergência Socialista e o que virou depois o jornal *Trabalho*, que eu não sei como é que chamava na época. No movimento estudantil se chamava Liberdade e Luta, LIBELU. Agora quase todas essas pessoas eram da rede privada. E o que aconteceu com o movimento de professores lá em Minas? Pessoas da rede privada começaram a convocar as primeiras reuniões. Eu me lembro que a primeira que nós fizemos, acho que em janeiro de 89... não! 79, tinha umas oito pessoas; e o único que dava aula na rede pública era eu. Ah! tinha algumas pessoas também do PCB, mas que eram muito hostilizadas pela maioria das correntes porque já começa a haver uma dialética, não é, de discussão, que depois iria resultar na criação do PT. Hostilizado não é a palavra. Era muito questionado politicamente. Não eram hostilizados pessoalmente. Não havia nenhuma grosseria, nada.

M.M. – É. Isso aconteceu em outros lugares. O Partidão foi muito questionado.

L. D. – É. O Partidão, não é, que estava fortemente vinculado ao MDB e tinha uma visão estratégica da frente; e algumas daquelas correntes de esquerda... a Convergência Socialista, por exemplo, tinha a ideia de criar um partido socialista. Alguns dos outros, gente que tinha sido da AP... A AP existia ainda. E, em Minas, a AP tinha sido muito forte, porque alguns dos fundadores da AP eram mineiros. O Betinho, o José Carlos da Mata Machado, aquelas pessoas.

A. F. – O Vinícius também.

L. D. – Hein?

A. F. – O Vinícius Caldeira Brant também.

L. D. – O Vinícius Caldeira Brant. Então a AP tinha muita...

M.M. – Penetração.

L. D. – É. Já começava a haver também alguns movimentos. Por exemplo, o Nilmário Miranda, hoje ministro dos Direitos Humanos, tinha saído da cadeia, foi para Belo Horizonte e criou o movimento... sim, liderou a criação do jornal dos bairros. Um jornal muito bom. Foi

uma das melhores experiências de jornalismo comunitário que eu já vi, na região industrial de Belo Horizonte. Ele não era vinculado a nenhuma corrente, mas tinha sido um dirigente importante da POLOP. Quer dizer, essas forças estavam se rearticulando. Agora eu não era, quando cheguei...

M.M. – Você estava meio *outsider*.

L. D. – É. Não era ligado a nenhuma delas. À medida que os nossos movimentos foram crescendo, o crescimento foi muito rápido. Eu me lembro que em janeiro, nós fizemos uma reunião com oito ou dez professores, tomamos a decisão de fazer, ainda na Faculdade de Filosofia, uma reunião mais ampla, achando que apareceriam vinte ou trinta, e apareceram cento e vinte. Aí nós vimos que tinha... Estou simplificando, mas acho que não estou mentindo. Vimos que tinha potencial para fazer uma coisa mais... como se chamava naquela época, de massa. E resolvemos convocar, quer dizer, fazer uma assembleia. Porque não tinha entidade. O sindicato de professores era direita, e na área pública não tinha entidade. Tinha uma entidade de professoras primárias mas que se dedicava mais a prestação de serviços, manicure, pedicure, assim. Não tinha nenhum caráter político. Nem sindical. Bem. Aí, nós não tínhamos mais onde fazer. A universidade não tinha auditórios grandes, e fomos procurar... Até é um episódio que merece contar. Eu fui com uma moça, que depois eu soube que era da Convergência Socialista, nós fomos procurar o presidente do Sindicato dos Bancários de Minas, que se chamava Arlindo Ramos, para pedir que ele nos emprestasse o auditório do colégio do Sindicato dos Bancários, que era o... esse teatro que tem escola, não é. Bem. E acabou não sendo possível emprestar o auditório do colégio; mas ele nos emprestou o auditório *do* sindicato, para nós fazermos a primeira assembleia pública. E, por causa disso, ele foi cassado, depois. A principal acusação contra ele...

M.M. – Que tinha feito esse empréstimo.

L. D. – É, exatamente. Porque ele era um homem de origem tradicional, não era de esquerda, mas ele, digamos, por sensibilidade democrática, nos emprestou; e uma parte da diretoria, aí de direita, fez carga contra ele depois, até depuseram contra ele no inquérito que foi aberto, ele foi cassado, perdeu a presidência. Nós pensamos que íamos fazer uma assembleia com duzentas pessoas, apareceram seiscentas. Não cabia no auditório. E aí já definimos uma pauta, que o governo não quis receber. O governador de Minas era o Francelino Pereira. O governo se recusou a receber, alegando que nós não éramos um

movimento representativo, que havia a associação de professoras primárias e que nós éramos, enfim, agitadores infiltrados e tal. Mas... Aí já era 79. Minas foi um dos primeiros. Depois de 79, 80, foram se generalizando, em várias capitais.

A. F. – Os professores.

L. D. – É. Mas o Rio, também, teve naquele ano, São Paulo teve. Acho que foi um pouco depois, São Paulo, se eu não estou enganado. Mas é meses, porque aquilo...

M.M. – Foi uma onda.

A. F. – No Rio Grande do Sul.

L. D. – Rio Grande do Sul. Foi uma onda, no ano de 79.

M.M. – Mas nesse ano, também, se está discutindo a reformulação partidária. Como é que se cruzam essas duas discussões?

L. D. – Então. Só para contextualizar um pouquinho por que é que, depois, eu virei dirigente nacional do PT assim tão rápido. O nosso movimento, nesse primeiro semestre de 79, assim, em coisa de dois meses, nós fizemos a primeira assembleia, que deve ter sido em março, abril, por causa do início das aulas, definimos a pauta, o governo não queria receber, nós demos um prazo para o governo, pela imprensa; a resposta foi negativa... quer dizer, não foi nem negativa, foi uma desqualificação total, com ameaças e tal; fizemos uma nova assembleia, já no ginásio de esporte do Minas Tênis Clube, com gente do interior, uma coisa muito espontânea, e deflagramos a greve. Essa greve, ela atingiu... ela envolveu duzentos mil profissionais, com uma característica que foi o seguinte... que não era também tão comum; hoje é. Não eram só professores. Serventes, faxineiras, cantineiras, todo o pessoal braçal das escolas.

M.M. – E aí pública e privada?

L. D. – É. Mas aí, deflagramos juntos, depois separou, porque a greve na rede privada não teve tanta força; ela não teve tanta força, terminou mais cedo. *[Falha na gravação]* ... derrotar o pelego em eleição seguinte. No nosso caso foi diferente. Não havia entidade, e a greve atingiu quatrocentos e cinquenta municípios. E, até hoje, foi a maior greve que Minas Gerais já teve, em termos de dimensão. Considerando que, naquela época, o movimento

operário em Minas era fraco, e onde ele era mais forte era no Monlevadi, Vale do Aço, muito bem organizado, muito bom, mas com um universo de operários relativamente pequeno.

M.M. – Pouco espalhado.

L. D. – Monlevadi, eram quatro mil operários, na Belgo-Mineira. O Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem estava com a direita. Só em 82 é que ele foi... O Sindicato dos Bancários ainda estava com a direita. Quer dizer, a nossa greve acabou tendo um significado que, no estado de São Paulo, por exemplo, ela não teve. Foi uma greve enorme, também, de professores. Ou menos no Rio, que também teve um impacto grande, no Rio.

M.M. – Teve. Mas eu acho que do ponto de vista da formação do PT, não.

L. D. – No nosso caso, eu diria sem medo de errar, porque isso já está em muitas teses, tem mais de cem estudos sobre o nosso movimento lá, exatamente por esse aspecto, virou assim o equivalente, em Minas, do ponto de vista simbólico, do imaginário popular, dos metalúrgicos em São Paulo. E ali virou... Por exemplo, ao longo dos vinte anos que se seguiram, mais de vinte parlamentares, não só do PT...

M.M. – Sei. Foi um viveiro de lideranças políticas.

L. D. – Nasceram ali. Até hoje tem. O Paulo Delgado foi da diretoria que eu era presidente, o Gilmar Machado... Quer dizer, deputados federais. O Paulo era o líder em Juiz de Fora. O Gilmar era o líder em Uberlândia. E também foi espalhado no estado inteiro. Um movimento predominantemente de mulheres. Que teve uma dimensão assim... a palavra é ambiciosa mas... eu diria, revolução cultural, comportamental, porque a gente ia fazer assembleia no interior, os maridos não queriam deixar as mulheres participarem, ou então, as pessoas iam primeiro no cabeleireiro, não sei o quê. Tinha todo um lado...

M.M. – Social. [ri]

L. D. – É. Tem vários estudos, lá em Minas, mostrando como é que aqueles movimentos significaram mudanças; tem muitas separações, muitos recasamentos. Quer dizer, deve ter acontecido a mesma coisa em outros estados. Pernambuco, Bahia. Mas...

M.M. – É. Mas talvez, por Minas ser um estado mais conservador, tivesse tido um impacto maior.



L. D. – O impacto foi enorme. Bem. Aí, não tendo entidade, nós criamos a nossa entidade. Ah! Outro aspecto que foi muito destacado na época era esse, que foi, talvez, a primeira vez, não sei, que a categoria inteira participou. Porque em São Paulo tinha a Associação dos Psicólogos da Educação, Associação das Diretoras, Associação dos Orientadores Educacionais e as entidades dos professores. Como nós não tínhamos entidade, todo mundo entrou; e eu me lembro, por exemplo, que na minha diretoria tinha uma diretora que era uma servente escolar de Uberaba. Ela era faxineira de escola. Mas lá em Uberaba, imagina, um lugar ultraconservador, ela liderou. E virou dirigente estadual do nosso sindicato. Isso aí também causou muita... teve muita repercussão. Esse fato do nosso movimento em Minas ter tido esse significado, por exemplo, o Carlos Drummond fez crônica, o Henfil escreveu, talvez por essa questão de Minas, a imagem de ser um estado conservador, um movimento *das* professoras – era mais assim que era encarado, e muito espontâneo. Eu lembro que, às vezes, ligavam de uma cidade, falavam para a gente: “Olha, já entramos em greve. Quais são as reivindicações?” [risos] Nós não tínhamos aparato. Tinha que pagar do bolso. Aí a UMES, a União dos Estudantes Secundaristas, emprestou uma salinha para a gente funcionar; depois, o Sindicato dos Jornalistas emprestou uma salinha para o comando de greve. Tudo era...

M.M. – Uma coisa muito improvisada.

L. D. – Completamente improvisada. As hierarquias, se é que teve, foram acontecendo durante o movimento. Ninguém era presidente de nada, não tinha tesoureiro, não tinha sede. Nós criamos a entidade depois da greve. Aí fizemos um congresso, algumas organizações de esquerda foram contra a gente criar, achavam que nós devíamos fazer o movimento passar por dentro daquela associação de professoras primárias que eu mencionei, mas prevaleceu a nossa tese. E eu me lembro que, lá em Recife, quando eu fui contra criar a UNATE, me falaram: mas você foi a favor de criar a UTE, União dos Trabalhadores do Ensino. Falei: “Bem, lá, lá se tratava – para usar uma imagem bíblica – de passar um camelo pelo fundo de uma agulha, porque um movimento de duzentas mil pessoas vitorioso...” Nós fizemos uma greve de quarenta dias e tivemos conquistas econômicas e políticas enormes; com aumento real de salário de cem por cento para as professoras primárias, com concurso para setenta mil pessoas, para que os precários pudessem se efetivar, tempo para preparação de aulas e correção de coisas dentro da sala de aula. O movimento foi fortemente vitorioso. Em 80, não.

Em 80, nós fomos presos, fragorosamente derrotados. Mas em 79 foi... sabe, uma simpatia popular em Minas, uma coisa indescritível. A gente ia nas avenidas principais, o pessoal jogando papel picado. De certa forma, o movimento simbolizou lá o que havia de mais massivo e mais assim um...

M.M. – Inovador mesmo.

L. D. – Inovador, com muita criatividade nas formas de luta. Porque ele era predominantemente feminino, de pessoas que não pertenciam a... algumas companheiras...

M.M. – Nem tinham experiência de militância.

L. D. – Não tinha experiência, não tinha inibição também, assim: tem que ser desse jeito, não tem que ser daquele; então, era um movimento muito musical, que lançava mão de coisas de escola primária – quadro de pregas, cartazes. Ele era assim, por exemplo, do ponto de vista da forma, muito pouco vinculado com a esquerda clássica. Talvez... Lá em Minas, muita gente acha isso, inclusive adversários meus dentro do movimento acham isso. Por que é que eu...

M.M. – Você também não tinha uma grande experiência de militância política.

L. D. – Não. Mas por que é que eu me tornei, assim, naturalmente... Quer dizer, primeira reunião, vai fazer uma assembleia; quem vai coordenar a mesa? Eu me... honestamente, não me lembro de ter reivindicado. Sou eu. Por algumas características de estilo, dizem as pessoas, e de linguagem, por ser professor da rede pública e (dizem as pessoas, não sei se é verdade) ter um discurso, aí no sentido mais verbal mesmo, menos padrão da esquerda.

M.M. – Sei. Você tinha uma sintonia maior com essa...

L. D. – Que eu só atribuo ao fato, talvez, de já ser professor há mais tempo. Porque muitos estudantes universitários, na época, foram para o movimento, mesmo sem ser professor, as correntes políticas mandaram as pessoas para lá. Eu já tinha alguma experiência como professor; e talvez, essa coisa mais cultural, mais literária... De fato, vendo, depois, eu vi transcrições dos discursos, um filme que tem, chamado *O Tapa*, lá, os outros eram assim, muito carregado, sabe; por exemplo, eu falava colegas, os outros falavam companheiros. Parece uma coisa secundária. Aí um dia, um rapaz que hoje é secretário da Fazenda em Belo

Horizonte me disse: “Você é muito atrasado. Você não fala nem companheiros.” Falei: “Sabe por que eu falo colega? Porque, na escola, todo mundo se trata por colega. Fulano é meu colega, trabalha comigo. Ninguém se chama de companheiro.” Então, não era uma coisa tão racionalizada, sabe. Depois, eu tinha a preocupação de dar exemplos da vida escolar, das condições trabalho concretas. Quer dizer, um pouco por estar lá. Eu não era professor universitário. Algumas lideranças – do PC do B e tal – eram professores universitários, de economia, de história, etc..

M.M. – E essas pessoas deviam estar muito mais contaminadas com essa cultura de esquerda. E isso talvez assustasse um pouco a essas professoras...

L. D. – É. Mas eu, digamos, eu estava convivendo nesse ambiente, eu lia as coisas, os jornais, *Movimento*, *Opinião*, então não... Quer dizer, não quero dizer que eu fosse isento dos cacoetes, dos clichês da época. Não é isso que eu estou falando, não. Mas a hipótese de explicação que alguns estudos lá deram e tal, para, naturalmente, as outras correntes...

M.M. – E você concorda com essas explicações que deram?

L. D. – Eu acho que pode... Quer dizer, não é que eu tivesse uma compreensão diferente. Não. Os clichês eram os clichês da época, do nosso ambiente. Mas eu, por exemplo, tinha um pouco de dificuldade, até de estilo, me sentia um pouco ridículo, numa assembleia no campo do Atlético Mineiro, vinte mil professores do estado inteiro, interior de Minas, vieram em ônibus, a maioria, professoras primárias, de fazer um discurso muito diretamente político. E muitas das críticas que algumas pessoas me faziam na época era isso, que eu devia politizar mais, assim, e priorizar, na minha fala, as bandeiras políticas gerais, que era contra a ditadura...

M.M. – E não as que a gente...

L. D. – E... Aí não saberia dizer. Uma característica que ficou, até hoje, as pessoas falam... Eu fui no aniversário do nosso sindicato, de 25 anos, o ano passado... Foi o ano passado? É. Criado em 79. E pessoas lembravam isso. Uma professora primária, que estava lembrando que eu tinha preocupação de falar de coisas do cotidiano escolar. E uma preocupação que eu tinha, muito forte, era defender a educação, que o sindicato se tornasse, digamos assim, o campeão da qualidade de ensino.

M.M. – Que era uma conversa, na época, que não era muito...

L. D. – Não era tão comum. Inclusive, logo depois que nós criamos o sindicato, dois, três meses depois, nós convocamos o encontro estadual de professores de português, (dois mil professores) encontro estadual de professores de matemática, (mil e quinhentos) de história, (mil e não sei quantos). Um pouco era estratégia, para filiar as pessoas e tal, mas um pouco era, digamos, prevalecer uma linha...

M.M. – Que discutisse os conteúdos e a qualidade do ensino.

L. D. – É. Pelo menos nós estávamos preocupados com isso. Não era uma linha assim... Alguns companheiros diziam: mas isso é...

M.M. – Bobagem.

L. D. – Isso é bobagem. Porque a responsabilidade pela educação é do governo do estado. Nós somos sindicato, nós temos que falar de salário, eleição direta de diretor, que a gente colocou já... Desvinculando um pouco da educação. O fato é que eu me tornei o principal líder desse movimento. E eu falava, por exemplo, falava todo dia no jornal da Globo, às sete horas.

M.M. – Como é que era isso? Uma pessoa que ainda tinha pouca experiência, de repente, você falar para vinte mil pessoas no campo do Atlético? [ri]

L. D. – Ou mais até. No campo mesmo. As pessoas no campo e nas arquibancadas. [ri] Ah, é uma...

M.M. – Porque, geralmente, isso é uma coisa por etapas, as pessoas vão e...

L. D. – Mas você sabe que não é? Não é, não.

M.M. – Ah, mas no seu caso, eu acho que foi muito assim...

L. D. – Não. No nosso caso foi porque coincidiu com aquele período. Catalisou ali aquela coisa. Não era nem fruto de uma carreira sindical. Era um movimento, que vem e te leva junto. Eu sempre falam, quando perguntam – ah, mas vocês fizeram o movimento. Eu falei: é diferente. Falei lá. Hoje, os ventos não estão soprando a favor do movimento sindical, de uma década para cá. Naquela época estava. Quer dizer, você não... As pessoas queriam fazer aquilo. Um por luta contra a ditadura, outras por saturação com o autoritarismo escolar, os salários baixíssimos, uma perda de prestígio...

M.M. – Havia uma demanda de participação, também, das pessoas, depois de anos de ditadura.

L. D. – Uma demanda de participação enorme; mas também uma perda de prestígio simbólico do magistério. Brutal. A gente via no interior. Às vezes, a professora era casada com um fazendeiro ou casada com um médico, advogado, só ficava ali para não... porque a única oportunidade de trabalho no interior era aquela. Na maioria das cidades do interior de Minas não tinha outros movimentos. Tinha a igreja e algum movimento de trabalhadores rurais. Sindicatos, que depois vieram para a Contag. Os movimentos dos trabalhadores rurais, em algumas cidades mais progressistas, não. Igreja tinha. Então, na verdade, o PT lá em Minas, que foi criado depois, muita gente não era do PT, muita gente foi do PMDB. Não era uma coisa assim, que só participa se for do PT. Não.

M.M. – Como é que foi a sua escolha pelo PT? Como é que você direciona a sua trajetória?

L. D. – Bem. De um lado, dois meses depois, mais ou menos... mais um pouco, uns quatro meses depois que eu comecei a participar dessas primeiras movimentos de professores, as reuniões menores, eu aí ingressei no MEP, então tinha... o MEP estava fazendo essa discussão, tinha textos, tinha documentos. Agora... Toda a nossa história curta, lá, mas muito intensa, muito assim...

M.M. – É. Super intensa.

L. D. – Tremenda. Conduzia um pouco para isso porque, por exemplo, essa associação de professoras primárias era ligada ao PMDB, então a dimensão partidária já estava muito dada aí; nós tínhamos criado o sindicato livre... como aliás o pessoal do Trabalho e tal sempre falou, aí eu ria, porque falou gente para mim... Nós não criamos por doutrina. É que não tinha sindicato. Nós fizemos uma greve. Não ia perder aquilo tudo. Como eu disse, não ia passar um camelo pelo fundo de uma agulha. Com um movimento de duzentas mil pessoas, quinhentas cidades, sei lá quantas, você vai botar aquilo dentro de uma entidade deste tamanhozinho, sem nenhum tradição?

M.M. – Então, de uma certa forma, essa União dos Trabalhadores do Ensino, ela se vinculou ao MEP de alguma forma.

L. D. – Não! Não. Pelo contrário.

M.M. – Você já tinha saído.

L. D. – Não. Eu não tinha saído. O problema é que nós criamos uma diretoria... O problema não.

M.M. – A questão.

L. D. – A questão. Criamos uma entidade e uma diretoria que tinha todas as correntes políticas. Tinha PC do B, tinha AP, tinha Convergência Socialista, tinha... é provável que tivesse gente de todas as correntes. E vários professores que não eram de corrente nenhuma.

A. F. – Fora as vinculadas ao PMDB, que permaneciam...

L. D. – Fora, é. Essas, inclusive, ficaram de maneira hostil.

M.M. – Não quiseram participar.

L. D. – Participaram do movimento, em alguns casos, mas não quiseram...

M.M. – Mas não da...

L. D. – Da criação da nova entidade, é. Não. A nossa entidade nunca foi assim... nem podia ser – dominada por uma corrente. Não é que eu, que sou da corrente tal, resolvo montar uma chapa e ganho da outra corrente. Foi um movimento, um aluvião. E a grande maioria das pessoas não era de tendência nenhuma. Imagina. A prefeita de Teófilo Otoni, Maria José. É hoje a prefeita de Teófilo Otoni, foi deputada estadual, quatro mandatos, pelo PT. Foi da nossa diretoria também; igreja, professora de história, de religião em Teófilo Otoni, solteirona, aquele sentido clássico, nem sabia que correntes políticas eram essas. A maioria das pessoas não sabia. E aí nós brigamos muito para que a diretoria não tivesse só gente vinculada às correntes. Algumas correntes achavam que deviam ser só quadros. Eu fui um dos que, na época, achei que não, porque não correspondia ao movimento; assim como eu achei que não podia ser só gente com curso superior, pois se tinha... Como é que você ia...

M.M. – A força do movimento estava no pequeno e médio.

L. D. – É. Tinha que se corresponder à verdade do movimento. Então, até hoje tem companheiras lá que... o pessoal brinca, porque elas tinham um estilo muito diferente; não é só diferente, era completamente diferente do estilo da esquerda. Ao ponto que tem uma senhora, dona Lúcia Paraíso, que agora está com oitenta anos, mas na festa do sindicato, ela foi, e ela contava, ela falava assim: “E o que me irritava ali era aquele pessoal com a mão

*assim*” – negócio de questão de ordem, questão de encaminhamento, o pessoal falava assim. [risos] E um dia, ela chegou mesmo, numa assembleia grande, sei lá, mil pessoas, duas mil, e falou assim: “Eu quero falar.” Alguém na mesa falou com ela: “Mas é questão de quê?” Ela falou: “Ah... Questão de querer falar.” [risos] Ou seja, uma senhora...

M.M. – Não estava nem aí para aqueles códigos. [ri]

L. D. – Uma senhora ultra tradicional, sem nenhuma doutrina de nada... quer dizer, doutrina, que eu falo, de esquerda. Então, não foi um movimento criado pelas lideranças. Está certo, a gente convocou assembleia, chamou as pessoas.

M.M. – Mas a opção pelo PT?

L. D. – Eu dava aula, sempre, nesse período todo, dava aula. Eu nunca fui liberado pelo... E o mínimo que eu dava eram quarenta aulas por semana, nesse período. Bem. Isso foi no primeiro semestre. No segundo semestre de... sei lá, vinte dias depois da gente criar o nosso sindicato, eu fui convidado para participar de uma atividade em Divinópolis –, que é uma cidade de duzentos mil habitantes, cento e cinquenta mil, próxima de Belo Horizonte, cidade industrial –, e era uma atividade lícita, metalúrgicos e professores, e lá eu conheci o Lula. Tinha dois candidatos para falar. Era ele, o Alemão, lembra do Alemão? – Alemãozinho, que era nascido em Divinópolis, estava lá em São Bernardo...

M.M. – Isso ainda foi em 79.

L. D. – É, 79. No máximo agosto de 79. Eu conheci o Lula. Nós falamos, participamos do evento, tinha umas mil pessoas, (tudo grande naquela época) sei lá, devia ter uns seiscentos metalúrgicos, quatrocentos professores. Nós tínhamos uma boa sub-sede em Divinópolis. Depois, fomos almoçar e tal, ele me convidou para ir a São Bernardo do Campo conhecer e tal. Eu fui. Até foi uma apresentação engraçadíssima. Porque eu participei de uma assembleia grande lá no... não sei se era ( diretriz ), o que é que era. Mas era um campo. E ele falou uma coisa engraçada. “Companheiros, o nosso movimento está com apoio... Até os professores de Minas estão aqui.” [risos] Eu falei: “Porra! Eu saio de Belo Horizonte de madrugada, em ônibus comum, pago com meu bolso, vou perder os dias de aula, e você ainda vem dizer que até os professores de Minas?” [ri] Aí eu até conheci a mãe dele, dona (Dôra/Endora) nessa época. Ele tinha que passar na casa dela. Eu fiquei hospedado na casa dele. E eu comecei a participar das articulações intersindicais que houve nesse período. Elas

não eram... as duas coisas estavam paralelas. Já tinha movimentações partidárias; mas as mobilizações intersindicais do chamado novo sindicalismo eram mais amplas. Muita gente que participou... Vou pegar um caso. João Paulo Pires Vasconcelos, que depois veio a ser deputado federal do PT. João Paulo era contra criar partido. Por causa.....

[FINAL DA FITA 2-A]

M.M. – Essa posição de alguns que defendiam que não era bom criar partido.

L. D. – Isso. Vários sindicalistas. Ou que tinham já a posição contrária a criar partido. Que é o caso, àquela época, do João Paulo Pires Vasconcelos que era o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevadi, um sindicalista bastante respeitado no país inteiro, naquela época. Maduro. Tinha feito...

A. F. – Importante na fundação da CUT, depois.

L. D. – Foi importante na criação da CUT. Que tinha feito greves importantes nas usinas do Vale do Aço. E o João Paulo, inspirado nas polêmicas, sobretudo, do sindicalismo italiano, que no pós 2ª. Guerra... Porque o sindicalismo italiano nasceu muito vinculado aos partidos, quase como linha de transmissão dos partidos, e depois teve uma longa jornada histórica, para conquistar sua autonomia institucional, política e tal. Inspirado nisso, o João Paulo era contrário a criar partido. Ele achava que toda energia devia ser canalizada para criar organizações sindicais. E vários outros sindicalistas expressivos naquela época. Uns porque eram ligados já a partidos que estavam dentro do PMDB. O Marcelo Gato, por exemplo, que era do PCB, o pessoal do PC do B, na época, era contra criar partido porque eles achavam que já existia o partido revolucionário, que era o próprio PC do B. Mas todos participavam das articulações intersindicais. Nem todos participavam das conversas sobre partido. Eu entrei nesse circuito pela via sindical. Os primeiros meses. Quer dizer, eu conheci o Lula pela via sindical, depois participei de reunião, em São Bernardo, intersindical. O Lula convidou alguns dirigentes... Ele já era, digamos a mola propulsora do processo. Tinha outras lideranças mas... Ele já era mais ativo, já propunha. Em 79, nós tivemos em Belo Horizonte, (ou foi 80, não lembro mais) uma greve entre aspas selvagem dos pedreiros da construção civil, que inclusive morreu, foi assassinado, um trabalhador, o Olaci. O Lula foi a



Belo Horizonte, nesse mesmo período, aí nós nos reunimos para ver se podíamos fazer alguma mediação. E aí tinha alguns sindicalistas lá. Quer dizer, a gente começou a participar. Nós íamos aos lugares. Um grupo. Não sei se tinha vinte, se tinha trinta. Não me lembro bem. Jacob Bittar, fulano, beltrano. Tinha uma situação crítica no movimento num lugar, a gente, de alguma maneira, ia levar solidariedade. Alguns começaram a chamar aquilo de intersindical. Bem. Nesse âmbito aí, cruzava por aí a discussão partidária. Eu não saberia assim... O Lula já... Corresponde a uma evolução dele; dizem, não sei, que, desde de 78, ele vinha dizendo que muita coisa importante se decidia na esfera da política, e não, estritamente, nas relações de trabalho. Aí não sei, não sei dizer. Também tinha correntes políticas, se conversava com um, conversava com outro. Isso aí vocês vão colher nos depoimentos todos. O fato é que eu participei assim. Já em setembro, outubro de 79, eu comecei a participar, sempre a convite do Lula. Assim, quem me chamava para as coisas era ele. Até porque tinha algumas correntes políticas lá em Minas que, quando souberam que eu estava vinculado ao MEP, já não me chamavam mais para determinadas coisas; me tratavam bem e tudo, mas não me chamavam. E aí eu entrei na discussão do PT, nesse período, segundo semestre de 79. E fiz parte da comissão pró PT. Foi criada uma comissão pró PT. Aí ia àquelas reuniões, aquela coisa; e eu sempre dando aula, uma situação difícilíssima para mim, porque eu não era profissionalizado, não tinha quem pagasse as coisas; e na época... Mas eu dava um jeito: pegava ônibus... tinha muita coisa em São Paulo, eu ia de madrugada. Mas isso foi me complicando a vida profissional. Eu já era presidente da nossa entidade mas não... E nós tínhamos que estruturar, não é. Bem. Aí, uma estratégia que nós usamos, que eu gosto de..., foi o seguinte. Eu rodei o estado de Minas dando curso de redação para as nossas colegas que iam fazer concurso para se efetivar. Era coisa espantosa. Setecentas pessoas num ginásio e eu dando curso de redação. [risos] Dicas e... para tirar um pouco a inibição, o medo da página em branco, não é. Outro dia, uma amiga minha me falou, lá em Belo Horizonte, estava num debate sobre *Dom Quixote*, ela me falou que eles têm anotado lá que eu dei curso para mais de dez mil pessoas.[ri] Curso de massa, sabe. Eram quase que palestras sobre...

M.M. – Como redigir.

L. D. – É. Imagina, você ali na mesa, com o microfone, aquele mundo de gente. [ri] Não podia nem mostrar um exemplo. Tinha que falar. E, em alguns lugares, distribuíam uns papezinhos, mil cópias, setecentas cópias. E o pessoal não pagava, o curso era gratuito,

mas... A única contribuição era se filiar ao sindicato. [risos] Eu, até hoje, acho a maior graça. Mas isso era visto com simpatia porque... não envolvia dinheiro, não é. E acho que consolidou a minha liderança também, embora eu não fiz por isso, no sentido de mostrar que era um professor de fato, capaz de lecionar, de ensinar ali, à luz do dia. Então... Bem. Aí eu participei da comissão pró PT. E... não saberia dizer, teria que ouvir dos outros companheiros que estavam na comissão pró PT na época. Desses que vocês mencionaram não me lembro. O Lula, certamente. Tem alguns que se afastaram do processo. O José Ibrahim tinha voltado do... acho que fazia parte, Jacob Bittar, Olívio Dutra... e outras pessoas, que eu não me lembro quais são. E aí... por exemplo, o pessoal começava a me passar para fazer textos. Tinha aquela paciência...

M.M. – Virou o escriba.

L. D. – É. Não o único, porque tinha... Fazer texto, fazer nota, fazer comunicado... [ri] E tudo de graça, não é, porque, naquela época, você pagava para fazer as coisas. Sei dizer que quando o PT... quando o processo avançou para criar o partido, e ele foi oficialmente criado em 10 de fevereiro de 80, houve a passagem da comissão do movimento pró PT, que tinha uma comissão nacional, para a primeira executiva provisória do PT, que eu já...

M.M. – Participa.

L. D. – É. Ali tinha uma diferença, negócio do... como é que foi para a Justiça Eleitoral, a função formal, e qual a função que a gente desempenhava mesmo. Que a lei partidária era considerada mais uma exigência. Mas eu já entrei na primeira executiva nacional.

M.M. – Mas você é uma criança, perto da maioria das pessoas que estavam lá.

L. D. – Não. Não tanto. Eu era dos mais novos, certamente, mas... Eu tinha acho que vinte e cinco anos...

A. F. – Na executiva era o mais novo, não é. Na executiva, com certeza.

L. D. – É. Na executiva, acho que sim. Eu tinha uns vinte e cinco anos, tinha feito em janeiro de 80... É. Ou vinte e quatro. O Lula tinha uns trinta... Lula tem dez anos a mais do que eu, então tinha trinta e poucos. Jacob tinha trinta e poucos.

M.M. – Agora, dez anos não é tanta diferença; mas, quando você tem vinte e quatro, o outro tem trinta e quatro, muda muito.

L. D. – É. E é uma coisa curiosa também, pelo seguinte. A ideia do pessoal, aquilo que eu percebia, era não ter pessoas assim... não era não ter –, priorizar os novos sindicalistas e não aceitar aquelas disputas das correntes de esquerda para ficar colocando... E eu me lembro, na época, que o pessoal fez uma discussão se... (Eles. Eu não estava.) que... alguém era melhor, mas o Dulci é do MEP. E prevaleceu o raciocínio de que eu era o principal sindicalista de Minas naquela época. O que é verdade, sim. Sem falsa modéstia. Até hoje, o nosso sindicato é o mais... tem oitenta mil filiados, tem delegacia... não chama delegacia, chama... sede, sub-sedes, no estado inteiro; gerou esse número de líderes, prefeitos, etc. E deu uma contribuição para o movimento nacional de criação da CUT, movimento nacional de conquista da CPB, depois.

M.M. – Vocês eram os metalúrgicos de Minas.

L. D. – No sentido simbólico, evidentemente. Contribuímos bastante, depois, para que, alguns sindicatos operários, as oposições conquistassem. Muitas oposições começaram a funcionar na nossa sedezinha. Mas era uma coisa engraçada, porque a nossa sede era... mais ou menos *assim*, cabia três pessoas lá. Não tinha... E aí nós tivemos que filiar todo mundo. O nosso sindicato nunca dependeu de... Não tinha imposto sindical mas também nunca dependeu de...

M.M. – De dinheiro público.

L. D. – É. Aí avançamos... Quer dizer, eram duas coisas paralelas. Eu continuava como presidente do sindicato, fiquei até 82, (quando eu saí para ser candidato a deputado) numa tarefa, junto com muita gente, de estruturação no interior; e as campanhas salariais, muito fortes. A primeira tinha sido tão vitoriosa, tão poderosa que deu uma ilusão também, que todas seriam daquele jeito. Em 80, nós fomos fragorosamente derrotados e fomos presos, alguns de nós. Ficamos um mês. Aí, reforçou um pouco isso, pelo seguinte. Nós fomos presos no mesmo período em que os metalúrgicos de São Bernardo foram presos, exatamente o mesmo. Eles estavam no DOPS de São Paulo, nós estávamos no DOPS de Belo Horizonte. Só que era diferente, assim, a percepção. No nosso caso, por exemplo, que aí já é 80, cheio de criança fora. As professoras levavam os meninos para fazer vigília na porta do DOPS.

Então, depois, nós fizemos greve de fome, e era uma... a sensação era como se as professoras estivessem fazendo greve de fome, uma coisa inaceitável e tal. Lá em São Paulo, eles começaram a fazer greve de fome... o Lula mesmo me contou, que começaram a fazer greve de fome, mas depois viram que ninguém ia dar a menor bola para aqueles metalúrgicos patolas assim, sabe. [risos] E eu tinha feito uma cirurgia, eu pesava...

A. F. –Djalma comentou.

L. D. – É. Djalma foi meu líder depois. Eu pesava... Não sou gordo hoje, mas eu era magérrimo, então era assim... uma coisa de... aquela molecada na porta, aquelas professoras... O pessoal do DOPS não sabia... O diretor do DOPS, a mulher dele era uma professora do Estadual Central. Mas, mesmo assim, nós fomos enquadrados na Lei de Segurança. Depois, despronunciados. Como no caso do Lula também. E eu estava participando já, ativamente, do PT. Eu não sei como eu consegui, honestamente, porque eu casei nessa época e...

M.M. – Sua mulher era professora também?

L. D. – Professora também. Ela foi uma das principais lideranças da rede particular. Minha mulher na época, não é. Você vê como é que os movimentos hoje são diferentes. [ri]

A. F. – Pois é.

L. D. – E ela se tornou secretária-geral do sindicato da rede particular, numa chapa de oposição. Mas ela era professora de geografia da rede particular, não era da rede pública.

M.M. – Como é o nome da sua mulher?

L. D. – Márcia... Quer dizer, ex-mulher. Era naquela época. Márcia Spyer. (*soletra*) É uma das grandes geógrafas brasileiras, especializada em educação indígena. Ela até tem um livrinho, da Loyola, chamado *A Geografia do Trabalhador*. Que na época ela trabalhava com geografia urbana. Foi para Barcelona para se especializar em geografia urbana, voltou, foi cuidar de índio. [ri] Hoje, ela é aposentada da UFMG e consultora nessa área. Mas... Bom. A partir daí é a história do PT. Como vocês viram, não deu para falar tudo.

A. F. – É. Certamente, nós vamos ter que fazer uma segunda rodada.

L. D. – Não. Sabe, eu me perdi, eu acho, atrapalhei vocês aí, porque...

A. F. –Não, não.

L. D. – Aqui, quando a gente começa contar história, aí não para, porque é um...

M.M. – Mas sabe o que é que acontece? Essas entrevistas que a gente faz, tem um pouco de história de vida também, tem um *time* para a pessoa, você não pode podar.

L. D. – É. E às vezes pode estar falando de um bando de coisa que pode não interessar.

A. F. – Eu acho extremamente rico porque... inclusive, comparativamente. Eu já tive essa experiência, Marieta tem muito mais experiência do que eu. Quando você reúne o acervo, as várias trajetórias de vida, tem um monte elementos de comparação, até para análise sobre esse processo de envolvimento, como é que esses momentos de mudança histórica afetaram as pessoas. Se você não tem um pouco desse quadro mais detalhado, de vida familiar, da formação cultural e tal, fica mais difícil. Então eu acho que é uma coisa rica para a gente.

L. D. – No meu caso também... Não seja melhor ou pior mas... Por exemplo, quando eu vim para cá, muitos achavam que eu era paulista. Tem um monte de... eu não diria mitos, eu não sou tão importante para ter mito sobre mim, [ri] mas muita... sabe? Aquele bolo de informação assim... confusa e tal. Esse dado, por exemplo, a minha participação no MEP, para mim é relevante, eu recordo com carinho. Eu não tenho aquela visão assim, que... às vezes, eu encontro uma pessoa ou outra – como se tivesse sido um desvio de rota, um erro, é uma certa vergonha de ter participado daquilo. Não. Pelo contrário. Eu tenho muitos amigos daquela época. E para mim foi bom, exatamente por que eu tinha uma formação mais literária...

M.M. – É. Isso te deu uma cancha para entrar no movimento docente.

L. D. – É. Eu quase não lia coisa de política. Quase não lia. Era literatura russa, era literatura francesa, brasileira, crítica literária, português; então, foi um... um banho...

M.M. – Um aprendizado.

L. D. – É. Mas ao mesmo tempo é diferente da pessoa que entrou na universidade, sabe. Quer dizer, eu já trabalhava, e eu me aproximei um pouco daquelas coisas já com... digamos assim, um certo estilo, um certo modo de ser. Aí o pessoal ficava falando, por exemplo, de politizar as manifestações artísticas. Coisa que eu já era contrário, por causa de uma visão do que é o significado da arte. Eu me lembro, uma vez, quase me bateram, num lugar, quando eu falei que a arte, ela é mais política, no sentido grego da palavra, exatamente quando não é

partidarizada, não é programática nem nada. Dificílimo. Conta nos dedos da mão do Lula, como eu estava dizendo, uma poesia política boa. É quase impossível, porque ela fica... Então... Já tinha... de certa maneira, essa coisa literária, cultural entrou em dialética com aquela outra coisa; que também foi muito importante. Para mim foi uma descoberta – Rosa Luxemburgo, que eu conhecia muito pouco – esses autores. Mas eu... Eu fui ler as coisas do Marx e Engels, por exemplo, sobre arte e achei determinista.

M.M. – Deixa eu só fazer uma perguntinha, para a gente fechar aqui, para a posteridade. Por que o MEP? O que é que te aproximava? Fala um pouquinho da linha política do MEP.

L. D. – Olha, eu, honestamente, diria que uma coisa que pesou muito foi que as pessoas com quem eu convivía e nas quais eu acreditava, respeitava, admirava o trabalho deles, eram do MEP. Depois, porque... Não sei se eu estou falando mentira mas... acho que não. As pessoas que puxavam mais os movimentos na Faculdade de Letras da UFRJ, naquela época, eram do MEP. E uma coisa que me interessou mais, lendo, à medida que eu fui conhecendo mais os textos, eu vi que tinha também suas... O MEP era muito obreirista, ultra-obreirista. Uma coisa tremenda. [ri] Com, digamos, os defeitos, com as limitações de uma atitude dessa, mas também com uma coisa que na época, para mim, contava bastante, que era uma valorização dos movimentos de base. Eu encontrei... Pode ser uma coisa engraçada para quem disputou com o MEP, para quem era de outra corrente pode não bater; mas eu enxergava no MEP, digamos assim, um reconhecimento de que os movimentos de base, principalmente operário, tinham que ter proeminência – o que hoje, preciosisticamente, se diz aí – um protagonismo, não é. Assim. Porque aí há uma outra coisa, que eu não falei mas... eu fui bastante influenciado pela pedagogia do Paulo Freire e de uma série de outros: Luís Antonio Cunha, Carlos Rodrigues Brandão, que era assim... falando grosseiramente, porque era muito mais sofisticado que isso – uma pedagogia dos debaixo. Então, na minha cabeça vinha muito isso; quer dizer, todas as correntes políticas, culturais que, sem excesso de populismo, vamos dizer, valorizavam os debaixo... Então... Eu acho isso. De repente pode... gente que conviveu comigo na época pode dar outra explicação.

M.M. – Sim. Mas o importante é o seu relato.

L. D. – Eu lembro com muito carinho das pessoas. Confesso que nem sempre lembro de documentos, de posições. E uma coisa que conta, também, é que eles nunca me

pressionaram. Como eu era presidente do principal sindicato de Minas, imediatamente fui para a executiva nacional do PT, coisa que talvez o MEP não tivesse condição de pleitear, enquanto corrente, pelo peso dele, ele não pleitearia, então, eles sempre me trataram... Por exemplo, eu não participava de célula. Um dia, eles me falaram: “Não, tem que vender o jornal *Companheiro*, na rua.” Eu falei: “Ô gente, mas eu estou dando quarenta aulas por semana, estou lá no sindicato, me matando para fazer jornalzinho, não sei o quê, e ainda estou mexendo com o PT, não tenho condição de vender jornal.” Que todo militante tinha que fazer. Então... A primeira vez que eles me pressionaram, de fato, para assumir uma posição, com a qual eu não concordava espontaneamente, foi na criação da entidade nacional. Tinha sempre um dirigente que conversava comigo; mas eles sabiam que a minha situação era muito precária.

M.M. – Quando é que você deixa o MEP?

L. D. – Eu vou tentar saber, exatamente.

M.M. – Mais ou menos.

L. D. – Na eleição de 82, quando eu fui candidato a deputado federal, eu já não era mais do MEP. Agora eles, eles talvez tivessem ainda a expectativa, então o candidato, Rogério Correia, que era do MEP, que hoje é deputado estadual lá em Minas, era candidato a vereador, e eles, então, me procuraram, para fazer dobradinha. Então eu suponho que eu saí... talvez, no início de 82. Vou até tentar perguntar a alguns deles, se eles sabem, para...

A. F. – Bom. É essa conjuntura de criação da UNATE. A gente pode até tentar...

L. D. – É. Eu vou tentar. Deixa eu propor uma coisa para vocês, para diminuir a maçada. Eu, volta e meia, vou ao Rio e, de vez em quando, a São Paulo. Não sei o que é mais prático.

M.M. – É mais prático no Rio, porque Alexandre está morando no Rio.

A. F. – Mais prático no Rio, é. Mas venho só a cada duas semanas, agora.

L. D. – Uai. Então nós podemos combinar...

A. F. – De dar continuidade...

L. D. – É. Porque vocês vieram aqui, eu derivei para muita coisa.

M.M. – Não, você não derivou. O nosso objetivo era esse.

L. D. – E aí naturalmente, se vocês quiserem, não me constrangeria nada, se vocês quiserem pautar um pouco mais, assim, me disciplinar um pouco mais. É que o nosso negócio aqui é tão pesado que é uma coisa... é um refrigerio, então, começo a falar, lembro de casos, se deixar...

M.M. – É isso mesmo. Eu acho que um depoimento desse tipo, ele tem um *timing*. Você começa, o começo é sempre um pouco mais difícil, para você pegar o fio da meada. De repente, acho que você entrou totalmente no fio. É isso mesmo. Acho que você cumpriu muito bem essa... de dar esse painel de Minas.

L. D. – É. E eu... Primeiro tem esse aspecto também, que a história do PT, as histórias oficiais têm um viés excessivamente paulista, não é. Então... Eu não sei se vocês estão entrevistando algum paraense.

A. F. – Vamos entrevistar o Paulo Rocha.

L. D. – Ah! O Paulo foi depois, um pouco depois. Mas o Pará teve uma participação... Aí não é o Pará que eu conheci, não. É mais Santarém. E não aparece. É uma coisa... Uma referência assim, sabe. Quer dizer, é evidente que, sem o Lula, não teria havido, sem o movimento de São Bernardo. O Rio. O Rio existe, o Rio tem um peso, contava muito. Toda hora o Lula...

M.M. – O Rio existe. [ri]

L. D. – Não, porque o negócio... Você lembra que eu brigava, na fundação, eu falava: gente, o Rio Grande do Sul. O Olívio é um cara de grande... E fica um negócio tão estreito... E muito... aí, obreirista no mau sentido, porque eu me lembro, Sérgio Buarque... eu gostava de coisa literária – o Hélio Pelegrino; o Sérgio Buarque morava no Rio, o Hélio Pelegrino, no Rio, o Henfil, no Rio; músicos. O Wagner Tiso esteve aqui outro dia. Wagner Tiso, desde o início. Então, não era esse negócio assim... Igual eu vi um vídeo nosso, até fiquei irritado – aí mostra Vila Euclides e... e já entra a eleição. Sabe? E não é verdade. A quantidade de gente de igreja. O frei Beto morava em Vitória. A quantidade de gente de igreja espalhada pelo Brasil. Intelectuais de altíssima...

M.M. – E mesmo a classe média.



L. D. – A classe média, demais...

M.M. – O Rio de Janeiro tinha uma quantidade de eventos do PT... É verdade, não era um PT de operários. Nunca foi. Mas você tinha uma quantidade de eventos de mobilização muito grande.

L. D. – No caso de Minas, até tinha alguns. Mas eram alguns operários da oposição sindical. Não eram os sindicalistas.

A. F. – Vai ter um peso sindical, mesmo, em meados dos anos 80.

L. D. – É. Agora... Senão fica uma história um pouco esquisita, não é. O Lula mesmo, o Lula mesmo não gosta muito. Quando ele – eu já vi ele dando depoimento, ele começa a falar de um monte de gente, sabe. Mário Pedrosa, não sei quem, que deram uma força para o PT. Que é impossível imaginar, vocês acompanharam, não é, mas... a crítica da intelectualidade...

M.M. – Alexandre é jovem. [ri]

A. F. – É. Mais ou menos. Mas eu lembro.

L. D. – A intelectualidade de esquerda dominante, numericamente mas mesmo em qualidade, ou era Partidão, no Rio, ou iria, depois, para o PSDB em São Paulo; então, pessoas como Antonio Cândido, Paulo Singer, Marilena, (Eu falo isso naquele artigo *Os intelectuais e a formação do PT*) Paulo Freire, mesmo que eles não quisessem cargo nenhum, e não queriam, a presença deles era legitimadora demais da conta. Aquilo dava... Não é nos contado que... Quem disse que aquele... Uai, eu fui um dos deputados federais de 82. Elegemos oito. O Lula levou um ferro, em São Paulo, sem tamanho. Então não estava dito em lugar nenhum que aquele partido ia dar certo.

M.M. – Não. Aliás, todo mundo dizia que não ia dar certo.

L. D. – E o fato de estar ali o Sérgio Buarque, aquele monstro... eu falei no artigo, mostro sagrado da cultura brasileira, que ele era – Manuel Bandeira uma vez falou “o insuperável Sérgio”, eu botei no meu artigo –, aquilo... Antonio Cândido, sentadinho ali no diretório, Paulo Freire...

A. F. – Antonio Cândido nos contou em detalhes essas histórias.

M.M. – É. Nós fizemos uma entrevista com ele, foi muito interessante.

L. D. – Eu sou macaca de auditório do Antonio Cândido. E Paulo Freire também. Quase eu mato o Paulo Freire de tomar pinga e torresmo lá em Belo Horizonte. Mas então eu proporia isso para vocês. Aí, se vocês quiserem, também, se vocês quiserem disciplinar...

M.M. – E como é que a gente pode fazer? Você tem planos de ir ao Rio?

A. F. – Não, não, não. Eu sou contra disciplinar.

L. D. – Não. Não se importa com isso, não. Porque isso aqui para mim foi quase uma sublimação, sabe.

A. F. – Eu penso que mais uma rodada, uma hora, por aí assim...

L. D. – Eu aviso para vocês a próxima ida ao Rio, com antecedência, e aí, se for viável... Eu de repente fico mais um pedaço lá. Vou onde... Não tem problema, não. Porque a hora que eu vi que estava falando de mil coisas, falei ih! Vou atrapalhar.

M.M. – Não. Se você quiser, você pode ir lá no CPDOC, que a gente tem uma sala especial de gravação ótima. Agora se você quiser... não sei se você fica em hotel – a gente vai lá, de noite...

L. D. – Fico. Ou no Glória ou no Novo Mundo.

M.M. – Então. É pertinho. Eu moro em Laranjeiras, ele mora em Botafogo.

L. D. – Mas eu vou também. Isso não é problema, não.

M.M. – A gente dá um pulinho lá. Depois que você terminar seu expediente, a gente vai lá...

L. D. – É. Mas o que eu queria era dizer isso para vocês, porque... eu também sou da Fundação e tudo. Vocês podem, se acharem que devem, não é nenhum incomodo, disciplinar um pouco, falar: ó, isso aqui está bom; mas faltou isso, isso, isso.

M.M. – Não. Mas eu acho que cumpriu bem essa tarefa.

A. F. – Eu tenho a impressão que até sai cronológica. A gente chegou até a um ponto, até 80. Nós temos que pegar de 82 para a frente.

L. D. – É. Eu também, ao contrário de outras pessoas, dou muito valor ao que aconteceu antes do PT.

M.M. – Mas a gente quer isso.

L. D. – Antes, na minha vida, porque eu não acho que o PT nasceu do zero.

M.M. – Não. Pois é. Por isso que a gente quer fazer esse tipo de entrevista.

L. D. – E dou um valor enorme ao nosso sindicato. Tanto é que eu tomei posse aqui, e o Lula riu, porque... ele falou: “Porra, Dulci, você foi o primeiro a sair (porque em 82 eu...) e foi o que mais falou.” Ele falou isso. “Nós dois somos os mais sindicalistas dessa merda aqui.” Ainda falou. Gente que saiu há dois anos e nem mencionou o sindicato. E eu não... Isso que eu estou falando aqui, servente escolar, faxineira, cantineira, é um negócio tão... Eu vou no meu sindicato sempre, participo das coisas. É um negócio que faz parte da... da minha alma.

M.M. – Da sua história.

L. D. – É. Não só da história. Faz parte do que eu sou hoje. E para outros, talvez não, foi uma... às vezes o sujeito já era o dirigente de uma corrente, entrou ali, saiu. Não. Lá em Minas ainda tem gente que fala “ah, é o Luiz Dulci da UTE.” Vinte e cinco anos depois. [ri] Eu lembro de você. Você era magrinho. Você era não sei o quê... Isso para mim é muito forte. Então eu... Eu não acho que o PT nasceu do nada.

M.M. – Não. Eu acho que o objetivo desse projeto... Porque existem muitas entrevistas, a gente tem visto e tal, levantado o material já existente. Mas esse tipo de perspectiva e de abordagem, eu acho que não tem muito.

L. D. – Deixa eu só... Eu vou ter que encerrar. Você sabe aquela moça, a... Moça... Eu chamo a Maria da Conceição Tavares de moça. Aquela...

[FIM DA 1º ENTREVISTA]

2º entrevista: 24/03/2006

M.M. – Nós estamos retomando hoje uma conversa que começou em maio de 2005. Tivemos uma longa interrupção, e agora vamos continuar nossa conversa aqui. Ouvindo de novo esse primeiro depoimento, ficou muito bem contado, um relato muito vivo, muito interessante desses primeiros anos da sua militância política junto ao movimento dos professores, dos docentes em Minas Gerais. E você tinha interrompido, exatamente, naquele momento das eleições de 82. E essa ideia de sair candidato a deputado federal, enfim... Nós poderíamos retomar daqui. Se você quiser voltar...

L. D. – Não, não. Não sei se estou repetindo mas... A questão da candidatura a deputado federal. Porque, como eu imagino que eu já contei, nós criamos a União dos Trabalhadores do Ensino em julho de 79. E como ela foi criada logo depois de uma greve muito grande, com duzentas, mais de duzentos mil...enfim, professores mas também o pessoal braçal das escolas –, chamava-se serventes lá, cantineiros, faxineiros, porteiros –, e outros pedagogos, o sindicato, ele nasceu sem nenhuma estrutura. Nós começamos a funcionar numa salinha, num prédio muito modesto. Era só uma salinha mesmo, e um banheiro. Mas ele... Então, do ponto de vista material, não tinha recurso financeiro, não tinha nada: nenhum de nós era liberado, não tinha condição, (naquela época não tinha o direito de sindicalização dos servidores públicos) não tinha imposto sindical, (nem nós queríamos que tivesse, porque foi um trunfo já, da entidade, poder se construir sem esse cacoete do imposto sindical). Mas ela nasceu com muito prestígio social, com muito apoio também, com muita simpatia da sociedade. Então... E com uma certa repercussão nacional. Não sei se eu já falei isso mas... A nossa segunda greve de 1980 coincidiu acho que com a terceira dos metalúrgicos do ABC. No mesmo período. E alguns de nós fomos presos em Minas, exatamente no mesmo período que o Lula e outros companheiros metalúrgicos foram presos em São Paulo. E com o destaque, naturalmente, da greve dos metalúrgicos era muito maior, mas... além do noticiário lá em Minas Gerais ser muito intenso, todo dia no MG TV, muito intenso mesmo, era uma coisa assim... ocupava um pedaço importante de todos os noticiários de televisão, durante quarenta dias, dos jornais também, tudo – teve uma repercussão nacional razoável e aparecia junto, junto com as notícias da greve de São Paulo, etc.. O Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, escreveu um crônica na época, em que ele tratava das duas coisas junto, o Henfil, dando maior destaque, naturalmente, aos metalúrgicos

do ABC mas valorizando muito o que eles chamavam de greve das professoras de Minas. A maioria eram as mulheres. Então, já no segundo semestre de 79, nós fomos muito convidados para fazer palestras em outras regiões do Brasil, na área de educação mas também em outras categorias. Alguns jornais de esquerda, tanto de partidos de esquerda quanto *Opinião*, *Movimento*, também trataram um pouco como um fenômeno que não era apenas sindical. O Hélio Pelegrino, por exemplo, escreveu um texto simpático, tratando como um fenômeno cultural, a emergência política das mulheres, uma categoria predominantemente de mulheres, não é. Então aquilo tinha um sucesso de estima assim... em nível nacional. Então, não só eu, outros companheiros, companheiras da direção do movimento, a gente viajava bastante, e universidade chamava para fazer palestra, para explicar um pouco aquilo. E também, aquela ideia que nós já falamos da outra vez, o porquê do nome, União dos Trabalhadores do Ensino. Que hoje parece uma coisa óbvia, praticamente, em todos os estados brasileiros, os sindicatos na área de educação, eles já são por ramo, reúnem todo mundo que trabalha nas escolas, mas que na época era uma novidade. Acho que já mencionei que em São Paulo havia entidades de supervisoras pedagógicas, uma outra entidade de orientadoras educacionais, uma outra de professoras de primeiro grau, uma outra de diretoras de escola, quer dizer, uma fragmentação enorme. Entidades mais antigas do que a nossa. Como nós não tínhamos entidade, fizemos o movimento, já criamos junto. Conteí para vocês. Seria um contra-senso, um absurdo segregar uma parte das pessoas que tinham construído o movimento e com sucesso. Bem. Já no segundo semestre de 79, eu conheci o Lula, já conteí também, e ele me convidou para participar do chamado movimento intersindical, em nível nacional. E eu me engajei nisso com muito entusiasmo. Conheci uma série de pessoas dos chamados novos sindicalistas. E parte desses novos sindicalistas foram os promotores da criação do PT. Não todos. Lá em Minas mesmo, não era o caso, porque o principal sindicalista operário naquele período, em Minas, era o João Paulo Pires de Vasconcelos, dos metalúrgicos de João Monlevade. Excelente sindicalista do ponto de vista a organização da luta dentro da fábrica, com muita informação sobre saúde do trabalhador, direitos trabalhistas, não só aqueles clássicos. O João Paulo tinha muito convívio com o movimento sindical europeu. Mas não só não participou da criação do PT como resistiu muito. Ele só entrou no partido depois, para a Constituinte. Foi candidato, foi deputado e tal. E havia outros dirigentes sindicalistas operários em Minas, mas ou de sindicatos pequenos, com categoria muito pequena, ou no interior. As grandes categorias operárias de Minas estavam na mão de correntes sindicais

conservadoras. O que nós estávamos constituindo naquela época eram oposições. Então eu acabei, o nosso sindicato, e eu pessoalmente, porque era o presidente do sindicato, acabei sendo uma espécie assim de referência do novo sindicalismo em Minas, para as articulações nacionais e intersindicais também. E fui ficando amigo de vários daqueles sindicalistas. Além do Lula, o Olívio Dutra, o Abdias, do Rio, o Joaquim Arnaldo, do Rio de Janeiro também, o Jacob Bittar. E aí, mais por visão política mesmo de... Eu não tinha uma grande elaboração assim sobre teoria de partido, nem nada, nunca tinha tido muita reflexão sistemática sobre isso. Mas eu fui me afinando nesse movimento intersindical, já no segundo semestre de 79, com esse grupo, que também tinha o Lula, como todos nós sabemos; mas o Lula, na primeira metade dos anos 70, quando ele começou a militar em São Bernardo, ele também era muito refratário aos partidos políticos. 78, 79, ainda tinha. Era uma coisa mista já, mas ainda tinha. Mas ele foi evoluindo para a ideia da criação de um partido, e eu entrei também. Assim, não fui principal líder disso, mas eu participei daquelas reuniões em São Bernardo. Num primeiro momento, até não era a ideia de um partido dos trabalhadores, era a ideia de um partido com forte presença dos trabalhadores, onde os trabalhadores não fossem... inclusive os trabalhadores de base, não fossem apenas apoiadores ou eleitores mas fossem pelo menos parte da direção. Quer dizer, tinha muito aquela coisa: um partido do qual os trabalhadores sejam sujeitos. Mas não era, ainda, a ideia de um partido *dos* trabalhadores. Porque a gente estava dialogando com a chamada tendência popular do PMDB. Então, por exemplo, uma reunião que eu participei lá em São Bernardo, que estava o Chico Pinto, da Bahia, o Almino Afonso, numa delas estava o Fernando Henrique, que o Lula tinha apoiado para ser o candidato ao Senado e... Enfim, era um setor do PMDB. Nós estávamos dialogando com um setor do PMDB. Que muitas vezes se fala: não, desde o início o Lula foi refratário a qualquer... Não. A primeira ideia era criar um partido que tivesse políticos. Não era um partido que rechaçasse políticos, políticos com mandato, a priori, como se fosse fazer tábula rasa de qualquer... Não. Mas não evoluiu. Quer dizer, ou evoluiu num sentido que não... Porque, embora com pessoas espetaculares – por exemplo, Almino Afonso, uma pessoa que eu aprendi a respeitar ali, e outros – mas eles tinham uma ideia mais clássica de partido; não era só um problema do conteúdo programático. Talvez a gente tivesse maior facilidade ou menos dificuldade de chegar num acordo do ponto de vista de um programa.

M.M. – E era uma outra geração, também, de políticos. Uma outra cultura política.

L. D. – É. Uma outra cultura. Tinha muito a ver acho que com o método, com a forma de fazer. Os sindicalistas, em especial o Lula, o Olívio e vários de nós com menor... nós estávamos muito influenciados por ideias, por exemplo, Paulo Freire, uma ideia de tentar construir as coisas de baixo para cima. Havia uma crítica, que nós falamos, eu acho, um ano atrás, uma crítica da relação da intelectualidade de esquerda com as classes populares, com os trabalhadores, com os pobres, com os chamados marginalizados. Tinha uma crítica disso. Quer dizer... Então, nós achávamos que precisava ser um espaço... tinha muito ideia, um partido no qual – não só as classes trabalhadoras *stricto sensu*, os assalariados de classe média se... quer dizer, construísse uma cultura. E isso só se daria através de uma participação ativa. Tinha muito... O vocabulário era da pedagogia do Paulo Freire, assim: ser sujeito, não ser objeto, não ser só na época da eleição...

A. F. – Partido para o ano inteiro.

L. D. – Partido para o ano inteiro. Ter a ideia de núcleos de base, uma certa inserção nas comunidades. Quer dizer, consultar as bases. Então, tinha uma série de coisas, que contavam muito e que tinham implicações. E isso, sobretudo isso, na minha opinião, posso estar enganado mas... pareceu, para muitos daqueles políticos, alguns eram de pré-64, então, já tinha vivido o golpe de 64, tinha um trauma de certas coisas; a gente às vezes via no olho deles, que eles estavam achando que determinados... determinadas ingenuidades...

M.M. – Ilusões.

L. D. – Ilusões de pré-64 estavam se reproduzindo. Eles tinham também... alguns tinham voltado do exílio, estavam voltando, e tinham uma visão do movimento sindical pré-64, um movimento sindical, digamos, que emanava dos partidos, com menos autonomia. Não sei também se não tinham muita condição de aquilatar a capacidade política das lideranças sindicais, que não eram tão... O Lula, por exemplo, todo mundo sentia a força dele, o *pathos*, para falar em grego; agora a capacidade política em si estava para ser testada. Então aquilo não vingou. Alguns ficaram conosco; depois, até participaram da fundação do PT, mas deputados de estado... Enfim, o Freitas Dias, do Maranhão, Antonio Carlos, do Mato Grosso do Sul. Mas aquele grupo...

M.M. – Mas não eram aquelas lideranças mais conhecidas.

L. D. – Não. As lideranças com maior visibilidade nacional acabaram não entrando. Algumas foram para o PSDB, outras que ficaram no próprio PMDB, tentando consolidar uma dialética dentro do PMDB. Só que aí, esse processo, que durou alguns meses, ele pautou muito fortemente, no grupo dos novos sindicalistas, (que era assim que a imprensa chamava) a questão política. Foi um debate muito intenso. E hoje eu diria que muito rico. A discussão foi acelerada, mas ela foi rica, no sentido de que se para a classe trabalhadora, no caso, era suficiente ter entidades reivindicatórias ou se era necessário disputar o poder político, espaços no poder político. E o ano de 79 foi um ano muito importante porque vários sindicatos vieram a Brasília, estiveram no Congresso, se reuniram com o ministro do Trabalho, fizeram reivindicações importantes. E aquilo esbarrava numa estrutura de decisão eminentemente política. O ministro do Trabalho dizia: “Isso não é comigo”. Tinha questões relativas a política salarial. Então... Esse outro lado precisaria ser pesquisado, eu não tenho condições aqui, não estou lembrando. Mas eu me lembro bem que algumas mobilizações importantes de 79 e 80, (mas eu estou falando de 79) elas explicitaram muito a dimensão política de muitas decisões que afetavam não só a vida sindical como a...

A. F. – A política econômica. O arrocho salarial.

L. D. – É. E eu me lembro do Lula falando, na virada de 79 para 80, assim, de uma maneira tosca – o vocabulário era tosco mas... ele falava: “É, não adianta nada. Se a gente chega lá, vai discutir salário-mínimo, ele diz que o orçamento é aprovado no ano anterior, então nós temos que interferir na aprovação do orçamento.” Coisas assim, bem... bem elementares. Ou então, ele falava: “Não dá. Se essa coisa do emprego, se já foi definido lá atrás que eles vão gastar tanto (que nem usava termos tipo investimento) eles vão gastar tanto para fazer não sei o quê e não vão gastar para cá, então, a consequência é que não vai ter emprego aqui.” Se o governo não vai botar dinheiro nenhum para a Bahia ou para Pernambuco, lá não vai ter emprego. Era uma coisa muito assim, empírica, mas muito forte. Eu... Bem. Nós tínhamos sido presos, não é, em 79. Aí tentaram nos enquadrar... O Lula foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, foi indiciado. Nós também. Então você via que aquilo era do poder político, não era apenas uma questão... Isso eu acho que aprofundou muito esse desejo...

M.M. – De criar um partido.



L. D. – É. De ter um instrumento. Naquele momento, não era tanto... As correntes de esquerda, os partidos trotskistas ou leninistas ou... tinham uma coisa mais conceitual: governo dos trabalhadores, e alguns de nós também. Mas do ponto de vista da maioria dos novos sindicalistas, a questão do governo não estava colocada, estava colocada a questão de ter representação, de estar lá dentro, de ter acesso às informações, de poder denunciar, de não ficar... digamos assim, de não ser visita nos espaços do poder. Não era muita teoria, não. Era... nós não podemos ficar... Nós temos que ter gente lá, que fale, gente nossa, que fale por nós. Quer dizer, era muito participar da disputa. Ninguém tinha, naquela ocasião, nem ninguém sabia se... Tinha muita ilusão eleitoral mas... Uma vez, eu vi, num livro, também, falando que o Lula achava que na primeira eleição ia chegar ao poder. Absolutamente. Até porque era ditadura ainda. O Golbery não queria que o PT fosse criado. Nem o PDT nem o PT. Porque ele não...

A. F. – Escapou ( ).

L. D. – É. Escapou ali, não é. Então, eu participei muito ativamente, não é, e a questão de uma possível candidatura foi se colocando naturalmente.

A. F. – Você citou a tendência popular do PMDB. Mas uma outra força ainda presente, ainda com peso no próprio movimento sindical na época, era o PCB. Acho que isso precisa ser mencionado.

L. D. – É verdade. Não. O PCB tinha uma presença significativa, especialmente em alguns estados. No Rio de Janeiro...

M.M. – Claro. No Rio de Janeiro, com os (luas) pretas, para a candidatura do Miro Teixeira.

L. D. – É. E essa presença no Rio de Janeiro, ela ficou ainda, durante anos 80, com bastante força. Tinha força em alguns setores em São Paulo, em Santos. Tinha em algumas categorias e tal. Lá em Minas, menos. Os dirigentes sindicais do PCB de Minas, e um deles em especial, que era uma pessoa humana magnífica que eu conheci, que era o Armando Sieler, tinha sido deputado estadual constituinte pelo PCB em 46, em Minas. Mas... Sofreu muito, passou muito tempo no exílio. Os dirigentes sindicais de Minas que voltaram, tinha o Sinval Bambirra, tinha o Zé Dazinho, os mineiros de Nova Lima, eles... O Zé Dazinho veio

para o PT depois, por causa da igreja, mas o Sinval Bambirra, o Armando Sieler, eles tinham perdido completamente a relação com a categoria, nem foi possível assim...

M.M. – Recompôr isso.

L. D. – Não. Tentaram, não é. Mas mais como um símbolo, homenagem. Quer dizer, eles não voltaram como sindicalistas. Já eram pessoas de uma certa idade também, eles não... Enquanto que alguns outros, o Hércules Correia voltou, tentou mexer com o sindicato. Tinha gente um pouco mais nova ou mesmo que voltou para mexer. Eles não.

A. F. – Em Santos, tinha o Arnaldo.

L. D. – Arnaldo Gonçalves. O Partidão tinha em alguns outros estados também. Pernambuco, tinha uma certa presença, no Pará, tinha uma certa presença. Mas... como é que eu poderia... Não tenho uma opinião a dar, assim, de pronto.

A. F. – Eu estava me lembrando do depoimento da Lélia, que ela falava um pouco da... em São Bernardo mesmo, no meio desse debate sobre o partido, que ela... cadê o Lula, cadê o Lula? Chegou em algum momento, estava o Lula, numa sala, cercado por pessoas ligadas ao PCB, que estavam tentando explicar para ele que esse partido de trabalhadores que ele queria criar já existia desde 1922. [ri]

L. D. – Ah, sim. E eu estou tentando lembrar também... Eu tive um tio, que eu não conheci, morreu no ano que eu nasci, Constanzo Dulci, que foi trinta ou quarenta anos do Partidão. Então eu não... Tinha uma simpatia, não é, coisa de família. Eu não tinha nenhum pé atrás assim, originalmente, como outros setores. Mas estava tentando entender por que ...

A. F. – Eu acho que talvez, em Minas, por não ter uma presença, não fosse tão importante. Mas em São Paulo tinha a questão de diferenciação da política sindical.

L. D. – É. Mas aconteceu uma coisa. Uma hipótese que eu arrisco aqui, sem ser... No Partidão, até onde eu sei, as coisas que eu li, conversei, a luta sindical estava muito vinculada a uma estratégia política geral, historicamente.

M.M. – É. É a história da Frente.

L. D. – É, exatamente. E como eles tinham, naquele período ali, 79-80, muitas preocupações com alguma recaída autoritária... Que hoje, é fácil falar que não, mas na época podia haver. Aliás, houve: o Rio Centro, não sei o quê. Poderia ter havido. Quer dizer...

Como aconteceu em alguns países vizinhos. Às vezes, atrasava um ano, atrasava um ano e meio o processo de transição, que, fatalmente, viria mas... Visto de longe, é fácil falar; mas naquela época... E eu acho que, com essas preocupações, depois, com a preocupação de demonstrar para os aliados do PMDB, para os políticos de centro do PMDB, Ulysses...

M.M. – Que eles tinham o controle da esquerda. Que eles tinham uma posição central na esquerda.

L. D. – Mas que também eram responsáveis, que... Quer dizer... Porque tinha ficado um pouco o negócio de 64. O negócio de 64, os comícios da Central, de não sei o quê... Uma radicalização sem base, não sei o quê. Eles frearam muito as mobilizações dos sindicatos que eles dirigiam. E com isso, por exemplo, hesitavam muito em fazer greve... Tinham autoridade para fazer, muitas vezes eram bons sindicalistas, mas... E à medida que existe o nosso novo sindicalismo, bastante duro, muito duro, e com um linguajar também tosco, de pouca sofisticação política, eles foram trabalhando os sindicalistas deles para uma outra postura; não só raramente faziam greve, quando faziam, terminavam logo, negociavam rápido. Eu hoje penso que... Porque eles tinham bons sindicalistas, bons quadros. Por que é que foram perdendo substância? Porque aquele era um momento de revelação de nova liderança, de projeção de quadros. As lideranças sindicais, com todas as restrições de mídia, emergiam ali, elas se constituem ali. Eu era um professor como os outros, lá em Minas, na greve. E no movimento, claro, você começa a coordenar assembleia, você vai... Mas se não fosse, eu acredito, olhando hoje, quarenta dias de televisão, de rádio direto, de jornal, poderia ter sido diferente. O movimento poderia ter a mesma dimensão, e não teria constituído...

A. F. – Uma liderança.

L. D. – É. Como aconteceu no nosso caso, no interior, Paulo Delgado, deputado Paulo Delgado, que liderava lá em Juiz de Fora. Ali ele se tornou.... A hoje prefeita de Teófilo Otoni, Maria José (Falacci), liderava no Vale do Mucuri. E assim por diante. Quer dizer, eram momentos que as lideranças se constituíam rapidamente no movimento, assim, no aluvião, e adquiriam uma visibilidade social. Então, como eles amarraram muito, a rigor, nenhuma liderança sindical do PCB tinha muita visibilidade naquele momento; e poderia ter, porque eles tinham presença.

M.M. – Olha, no Rio, até tinha. Mas levaram um pau, em 82, terrível. Eles se candidataram, apoiaram a candidatura do Miro Teixeira, e não teve a menor colher de chá. É Marcelo Cerqueira, Modesto da Silveira, que eram antigos deputados federais, que estavam dentro desse guarda-chuva.

L. D. – Que o Miro escrevia n’*O Dia*, não é, que o pessoal ficou... ah, o cunhado de luva preta e tal.

M.M. – É.

L. D. – Pois é. Mas eu estou olhando do ângulo interno. Eu sempre olho muito o movimento sindical de dentro para fora. Na nossa luta lá em Minas tinha pessoas, lideranças, em várias cidades, que eram do Partidão, que a gente às vezes não sabia. Mas eles nem... Era uma estratégia muito defensiva, eu diria. Que até podia ter sentido. Eles foram aliados do MDB na transição... Tinha sentido político geral. Mas acabou não exponenciando lideranças, num momento em que muitas lideranças se constituíram da noite para o dia.

A. F. –Momento de renovação.

L. D. – É. Momento de uma renovação, de uma promoção geracional assim, e eles pisaram no freio. E talvez não tenham capitalizado o tempo. Bem. Mas e aí...

M.M. – E a sua candidatura?

L. D. – Pois é. Já no final de 79, eu me integrei à comissão pró PT. E como eu era... aquele negócio que eu falei, lá em Minas e tudo, já fui indicado para ser uns dos quinze ou dezoito, não sei, integrantes da Comissão Nacional Pró PT. Isso ainda em final de 79. E ali... aí, não sei, não me assim de detalhes mas, como eu escrevia, você recebe uma tarefa de ajudar a fazer documentos, rascunhos de programa...

A. F. – Manifestos, essas coisas.

L. D. – Manifesto, eu acabei participando... Porque o PT foi fundado em 10 de fevereiro de 80. E ali, tudo foi muito rápido, assim: três reuniões por semana –, para poder criar, por causa do... E eu, por exemplo, participei da redação do manifesto de fundação do PT junto com o Weffort... mais quem? O Apolônio, eu acho. Nem lembro mais. O Osmarzinho, que era um sindicalista ligado ao Partidão de São Bernardo do Campo, mas que nunca se assumia assim. Depois ele... E já fui... Primeiro teve uma comissão pró PT. Eu já...

Por essa circunstância que eu estava falando antes, eu entrei como o representante de Minas na Comissão Nacional. Acho que tinha o Wagner Benevides também, dos petroleiros. Acho, acho que era ( Osmarzinho ).

A. F. –É. Acho que sim.

L. D. – O Wagner, que era um bom sindicalista e tudo, mas ele não tinha muita visibilidade em Minas porque não tinha havido greve, a Petrobras é importantíssima, mas era uma categoria numericamente pequena, e ele... assim, não tinha muita... não era um cara de formulação, embora um sujeito muito leal e tudo. Então, logo depois, eu passei para a primeira comissão provisória do PT mesmo, quando nós entramos... A burocracia da época era assim. Registro provisório, não é. E depois, na primeira executiva nacional do PT, já fui... Tinha um negócio da lei e da realidade. Que nós já começamos ali fazendo uma estrutura paralela. Mas naquela época você não registrava o partido se você não seguisse a Lei Orgânica dos Partidos. Eu não me lembro exatamente, que eu... muitas coisas que eu fiz no PT, mas se eu não estou enganado, a... ex-freira, que foi deputada federal comigo... Irma Passoni – ficou, oficialmente, como secretária de Organização e eu fiquei na prática, e ela numa outra função. Uma coisa assim. Então eu já entrei para executiva já com função. Eu ia a São Paulo quase toda semana, de ônibus comum, pago do meu bolso... [ri] Era um negócio lá... até hoje, olhando para trás... Eu dava cinquenta e duas horas de aula por semana, porque não era liberado, e fora disso, pegava o sindicato e ia para São Paulo. Mas aquilo era uma... uma coisa assim... [ri]

M.M. – Era uma animação.

L. D. – Hein? Eu brinquei uma vez com o Lula, falei que era a libido socialista. [risos] Então... Quer dizer, ao contrário de outras pessoas... Por exemplo, tem muitos companheiros nossos que participaram do processo do PT, ajudaram e tal, mas ficavam no sindicato. Até alguns saíram candidato depois. O meu caso, não, eu...

[FINAL DA FITA 3-A]

L. D. – (..... ) Então, a coisa da candidatura foi se colocando naturalmente. Tão naturalmente que, num certo momento, chegaram... Nós não tínhamos candidato a governador em Minas. Ah! Na formação do partido, nós precisávamos, lá em Minas, cento e cinquenta e seis municípios, que a lei previa, pelo menos, vinte por cento do municípios em nove estados. Quase que o PT não conseguiu se registrar. Em Minas, que tem oitocentos municípios, era o que... Então nós registramos cento e cinquenta e nove, se eu não estou enganado, caíram dois, ficamos com cento e cinquenta e sete. Fomos no Tribunal, assistir o julgamento daquelas cidades, acabamos registrando, cravado, cento e cinquenta e seis, em nove estados, cravado, no país. Foi um... [ri] Mas eu já visitava o interior organizando sindicato junto com... separado do ponto de vista prático mas na mesma viagem e tudo, e foi se colocando naturalmente. Pelo seguinte. Era uma categoria muito grande, espalhada...

A. F. –Estadual.

L. D. – Estadual, com a vitória sindical recente, não é. E nós, nesses dois anos, construímos sub-sedes no estado inteiro. E vários saíram deputado estadual, aí vinham insistir para eu sair federal e tal. Eu nem parei muito para pensar, não. Assim, não tinha propriamente um grupo para ficar analisando se eu deveria ser candidato ou não. E fui. Aquela coisa muito desorganizada, não é. [ri] A campanha. O comitê eleitoral mesmo, hoje eu... [ri] Lá em Belo Horizonte tem uma rua no centro velho, uma rua esquisitíssima, Guarani, e tinha, assim, um prédio antigo, com umas escadas, uma coisa... uma escuridão; atrás da escada, um negócio que vendia incenso, na outra escada, umas... como é que chama isso? O pessoal que lê a sorte é... cartomante, e uma salinha ali era o nosso comitê. [ri] Um negócio espantoso. Se dependesse de organização de campanha eu tinha perdido, não é. Mas aí era uma candidatura do Movimento. Não tinha sido decidida, não foi votada em lugar nenhum. Tinha outros candidatos a deputado federal do Movimento; mas, de certa forma, cidades que eu não fui, que... Agora... com dificuldades enormes. Pelo seguinte. O voto era vinculado. Minas Gerais queria votar na oposição. Era o Tancredo. Contra o Eliseu Resende, que tinha apoiado aquele ministro dos Transportes, coronel... Andreazza. Eliseu tinha participado da operação Andreazza. E o Eliseu derramou uma fortuna na campanha lá em Minas. E... sabe, um sistema bipartidário, que o pessoal fica... a oposição, não sei que, agora é a hora da oposição... Mas a oposição era o PMDB. E aí eu ia nas escolas. Eu fiz a campanha, basicamente, nas escolas. Viajando de ônibus comum, que eu não tinha carro. E

chegava, visitava... E em muitas escolas, eu chegava, eu falava: eu vou lá na sala dos professores –, o pessoal falava: “Não precisa, não, que o pessoal vai votar em você. Você e o Tancredo.” Aí eu tinha que explicar que não podia. Se eles fizessem isso, o voto valeria para ele, que a regra era assim, mas não valeria para mim. Aí eles falavam assim: “Mas então... Não. Mas nós queremos votar em *ôce*. Quem que...”

M.M. – Vai ser o governador.

L. D. – É. Aí eu falava: “É a Sandra.” Que era a Sandra Starling, que tinha sido funcionária da Petrobras, ninguém conhecia. Era professora. Na Zona da Mata de Minas, que é a minha região, quando eu falava Sandra, o pessoal falava: ”Ah, ‘tá bom, ‘tá bom. Sandra Cavalcanti? ‘Tá bom.” [risos] Quer dizer, não é bem o que eles queriam, mas se eu estava com a Sandra... Não tinha a menor noção de quem era Sandra Starling, não é. E a campanha era feita... Era ainda a Lei Falcão. Então... Bem. Como a Sandra Starling não era conhecida, a turma chegou a fazer uma consulta ao Tribunal para saber se eu podia ser candidato a governador. [ri] Eu não queria ser candidato a governador de jeito nenhum, mas aceitei; me aporrinharam tanto que eu aceitei que eles fizessem, sabe, uma reunião lá. Porque estava aquele impasse, ninguém... não tinha candidato, ninguém queria ser candidato. E eles me convenciam, que era o Movimento, não sei o quê... Só que eu tinha vinte e seis anos. Precisava de trinta e cinco para ser candidato a governador. [ri] Então foi... E a Sandra foi candidata e tal. Eu rodei muito com ela pelo estado. Aí, com vinte e seis anos, fui eleito deputado federal. Foi uma situação engraçadíssima também. Porque precisava, mais ou menos, de cento e cinco... não, cento e dez mil votos para eleger um federal. O Virgílio Guimarães era candidato, tirou terceiro lugar, o Apolo Heringer Lisboa (foi um daqueles que participou do assalto ao cofre do Adhemar) tinha voltado do exílio, um médico, Internato Geral da UFMG, também era, tirou segundo lugar. E eles tinham uma estrutura um pouco melhor, porque eles tinham mais apoio de correntes. Eu já contei que eu tive aquela passagem. Mas nessa época não, quando eu fui candidato não tinha nenhum...

A. F. –Nenhuma organização por trás.

L. D. – Não. Nenhuma organização apoiando. E eu... enfim, não tinha... Como ia me financiar? O nosso sindicato não tinha um tostão. *(Começa uma banda a tocar)* [ri] Sexta-feira é o dia, aqui, da...

A. F. – Trilha sonora. Sua entrevista tem trilha sonora.

M.M. – Deixa gravar. Vou até olhar. [risos]

L. D. – É. [ri] Eu estou contando caso aqui. Vocês não... (*A banda continua*) Eu gosto dessa música. Acho ela assim... Eu gosto muito de marcha. Já gostava quando era moleque.

A. F. – É. Tem um efeito, não é.

L. D. – É. Vieram filmar o *Juscelino* aqui, (*a minissérie*) e a cena da posse foi ali, no parlatório; e as câmeras estavam ali, vieram pedir para eu fechar minha cortina, porque o Juscelino não tinha entrado no palácio ainda, não podia ter ninguém aqui. [risos] Foi uma gozação aqui. Eles falaram assim: “E não pode, com essas roupas de hoje...” Aí, as moças que trabalham aqui... “Roupa de hoje o ministro não usa não. As roupas dele devem ser as mesmas daquela época.” Me gozando aqui, que eu sou arcaico para vestir. [ri] Mas aí... A apuração. Até o Otávio, meu irmão Otávio, achava graça, porque... com o voto vinculado, calcula-se – não sei se é verdade, pode ser chute – que eu perdi um bocado porque...

A. F. – O pessoal ia votar no Tancredo.

L. D. – É. Inclusive, o pessoal votou. Não sabia, não é. Mas, independente disso, eu fui o primeiro do PT. Então já estava claro que eu era o primeiro no PT, com distância grande em relação aos outros... É. Distância razoável. Não tinha jeito de... Mas nós não tínhamos atingido a legenda. Então vinha pingando – 98.427, naquela época a apuração era à mão, então entrava... sei lá, Conselheiro Pena – mais quatorze votos para mim... Porque eu tive voto no...

M.M. – Espalhados.

L. D. – É. Naquela altura, eram cidades onde nós não tínhamos diretório; então, a imprensa chegou a prever que não ia fazer a legenda, que não ia atingir os cento e dez. Eu acho que precisava de cento e dez, nós fizemos cento e treze, por aí. Então... Demorou dez dias, doze dias, depois da eleição, para saber se nós íamos ter um federal em Minas ou não. Que seria eu era claro. E elegemos um federal e um estadual. O estadual era o João Batista Maris Guia, irmão do hoje ministro Valfrido Maris Guia. O João Batista tinha sido da DS,



fundador da DS. Como a Sandra Starling também tinha sido, Virgílio Guimarães também. Essa corrente DS era forte lá em Minas.

A. F. – A Centelha, não é.

L. D. – É. Nos estudantes, acho que era, é. Depois, João Batista saiu do partido em 85, fiquei só eu, o único deputado, a visitar quatrocentas cidades, quinhentas cidades.

M.M. – E como era essa sua experiência de ser deputado. Porque de repente, você saiu... a sua carreira foi...

L. D. – Minha carreira... [ri] Isso foi um susto, só. [risos]

M.M. – Foi extremamente...

L. D. – Não. Sabe aquela coisa rápida? E eu...

M.M. – Rápida. Pois é. Exatamente. Você era professor, virou um líder, rápido, e de repente, deputado federal.

L. D. – É. Antes disso, antes disso, aconteceu uma coisa, que foi engraçada, comigo. É que, em 80, eu fui demitido. Na greve de 80, nós fomos presos e eu fui demitido pelo Francelino Pereira, que era governador de estado. Aí eu entrei na Justiça, para poder voltar a dar aula no estado; enquanto a causa tramitava, eu fui para uma cidade próxima de Belo Horizonte, chamada São Leopoldo, e tive uma experiência singular. Lá tinha uma espécie de extensão da Universidade Católica. Não era bem uma extensão, era uma fundação municipal, que fez um acordo com a Universidade Católica de Minas e tinha... muitos professores da Católica davam aula lá. É uma cidade de indústria de cimento, basicamente, tem várias empresas de cimento, essas nacionais, outras. Mas uma cidade operária. Fica a uns quarenta quilômetros de Belo Horizonte, mais ou menos. Eu ainda ia e voltava todo dia. Me arrumaram para dar aula de português numa escola lá e para dar aula de *grego* na... Eu contei já esse caso?

A. F. – Não, não. Eu sei que você já deu aula de grego.

L. D. – Aula de grego na Faculdade de Letras. Que era uma coisa de... (urrar de rir) porque... Ah... Levava três... Primeiro tinha um semestre, depois botaram três semestres de grego. O tempo era suficiente só para transliteração, para o pessoal aprender a

correspondência da nossa grafia com a... Bem. Mas aí, era uma coisa tão engraçada. Visto de hoje, eu mesmo acho graça. Porque eu tinha cabelo desse tamanho. [ri]

M.M. – Estilo aquele rabo-de-cavalo do Alexandre.

L. D. – É. Mas eu não usava rabo. Mas era um cabelo assim, meu material de campanha, vinha no ombro. Não era escorrido nas costas, que eu também já tinha usado, mas vinha no ombro. Tinha vinte e seis anos, tinha liderado uma greve, e dando aula de grego numa faculdade. [ri] A sala enchia de gente que não era daquela turma, sabe. Uma coisa engraçada.

M.M. – Fizeram você um personagem.

L. D. – Uma cidade... assim, não é do interior, mas uma cidade... Aquilo era uma... Eles fizeram matérias, em Minas, assim. Quer dizer, aquele mix. Não dava junto, sabe como é que é? [rindo] Esse cara é sindicalista ou ele é professor de grego?

A. F. – Tem cara de roqueiro...

L. D. – Esse negócio me acompanhou o resto da vida porque, quando nós ganhamos... quer dizer, quando Lula ganhou a eleição de 2002, as matérias, tem revista que me apresentou como se fosse um intelectual, vamos dizer assim, negócio de crítica literária, não sei que; teve revista que me apresentou como se fosse do grupo sindical do não sei o quê. [ri] Bem. E algumas ainda falavam que eu tinha aparecido naquele momento, porque como eu não era paulista e não tinha muita... não é meu estilo de... ficar falando toda hora sobre tudo, sobre Deus e sua época, então eles... [ri] Mas eu achava tanta graça porque, eles vinham fazer aqueles perfís, e não...

M.M. – Você não batia.

L. D. – É. Onde é que eu entrava, não é. Agora a experiência de deputado para mim... bem, foi fascinante assim, mas, se fosse fazer um balanço, tanto do ponto de vista existencial como político foi muito sofrido, porque eu não... Bem. Primeiro a idade, experiência pequena de muitas coisas, ditadura e tudo. E eu descobri, depois, que eu não tinha muita vocação parlamentar. Eu fui perdendo o gosto. Eu gostava de fazer tudo que o mandato permitia fazer fora de lá. Organizar diretórios, fazer palestra no interior, fazer... propaganda, reflexão sobre política pública...

A. F. – Representação do partido, mesmo.

L. D. – É. E participar de debate, participar de programa de televisão debatendo as coisas, escrever, às vezes, artigo, que davam. Mas a vida parlamentar, não sei se foi... eu já não gostei muito no início, e fui perdendo, ao longo do tempo, o gosto.

M.M. – E você era o único deputado de Minas.\* Como é que era a integração com os outros, o resto da bancada do PT?

L. D. – Federal de Minas, do PT, sim. – Boa. Boa. Integração boa. Porque eu já era dirigente do PT, eu já conhecia alguns deles, então nunca houve problema. Eram seis de São Paulo, José Eudes, do Rio, e eu, de Minas. Depois, nós não fomos ao colégio eleitoral, o partido fez um plebiscito, ganhou não ir ao colégio, aí saíram três...

M.M. – Por conta da eleição para presidência da República. Indireta.

L. D. – Exatamente, é. Aí saíram... quer dizer, ou foram expulsos ou saíram. Seriam expulsos. Aquela... Enfim. O Airton, a Beth Mendes e o José Eudes. Aí ficaram cinco de São Paulo e eu. Mas problema de relacionamento eu nunca tive. Primeiro porque era o Genoíno, o Eduardo, o Djalma Bom, a Dilma... a Irma e o... quem é que era o quinto? Não estou lembrando. Ah! Oito. Saíram três, ficaram cinco. Quatro mais eu. O Plínio era primeiro suplente. Então, eu não tinha esse problema. Também, é difícil eu ter problema de relacionamento.

M.M. – E a saída desses deputados, como é que foi isso?

L. D. – Esse foi o primeiro momento tenso. Porque eu defendi que nós não fôssemos ao colégio eleitoral, com muito desgaste lá em Minas. Eu era votado lá em São João Del Rey, por exemplo...

M.M. – E não votar no Tancredo é... é uma coisa trágica.

L. D. – Era. Era a possibilidade de eleger um presidente de oposição, mineiro, não é. E eu sou da região. Então era uma coisa difícil. Isso também estreitou. Mas teve o plebiscito, eu concordei muito. Eu fui um dos que propus que fizesse uma consulta à base. A diferença foi... acho que votaram oitenta mil, foi sessenta a vinte, com direito igual a propaganda e tal. Então não... O Airton pediu o plebiscito. Eles acreditavam que poderiam ganhar. Então, eu

não tinha dúvida. Porque a minha atitude era muito voltada para essa ideia de construir um sujeito histórico. Eu até tinha...

A. F. – Uma democracia interna.

L. D. – Não sei se... família, eu tenho dois sociólogos na família, e todo mundo dá palpite em política lá em casa, então eu não... eu achava que ia demorar muito para a gente chegar ao governo, muito mais do que demorou, que talvez não fosse com a nossa geração. Governo federal, eu estou falando. Que eu também não tinha vivido nenhuma experiência democrática anterior, não é. Então, não tive problema de relacionamento nenhum, nem com o PT nem na Câmara. Eu... até hoje, assim... era bastante benquisto. Quando eles queriam propor alguma coisa conosco, geralmente, me procuravam. Fui presidente da Comissão de Trabalho, indicado pelo PT. Era a única comissão que o PT tinha.

M.M. – Não. Mas eu estava falando em relação à saída, mesmo, desse grupo.

L. D. – Desses. Essa saída foi o primeiro grande... Porque teve gente que saiu, entrou e saiu. O Santillos, aqui, políticos que entravam no partido e saíam. Alguns, sentia. Mas não era um... isso não era uma ferida. Fazia parte do nosso processo de pedagogia, histórico. O Airton, o Airton tinha sido advogado de presos políticos, era um esplêndido deputado. O Aluísio e o Genoíno aprenderam muito com ele, sobre processo legislativo, sobre... Então, foi um primeiro grande sofrimento. E eu defendi no PT, no Diretório Nacional, que eles fossem suspensos, e não expulsos. Quando eles viram que iam ser expulsos... Eu não me lembro mais dos detalhes mas... Enfim.

A. F. – A gente vai entrevistar a Beth.

L. D. – É. Então, para mim, pessoalmente, foi muito sofrido. Acho que foi a primeira experiência assim de... de aprendizado mesmo, de que certas situações em política, o mais racional seria fazer uma outra coisa. E de certa forma, quase todo mundo que está ali sabe disso, de um jeito ou de outro. Nós não podíamos deixar de punir porque...

M.M. – É. Eles tinham desrespeitado uma orientação.

L. D. – É, desrespeitado, não só uma orientação da direção mas um consulta às bases, voto secreto em urna, no país inteiro. Então... Aí ia virar uma loucura. Mas nós estávamos perdendo, quer dizer, era uma coisa de opinião.

M.M. – Eram tão poucos parlamentares, ainda perder três.

L. D. – Poucos parlamentares. Perdemos o líder, que era um deputado *muito* bom. Agora até está aí. De vez em quando eu encontro com ele por aí. Então fui muito sofrido. Eu conversava com uns, conversava com outros, tentando construir uma... E todo muito concordava, no mérito. Mas não era viável. Eu fui descobrindo. Foi, talvez, a primeira vez que eu percebi que a política às vezes tem deslocamentos, jogo de forças, que determinadas pessoas não podem fazer, às vezes, uma coisa que gostariam, em tese, porque você está representando correntes políticas...

M.M. – Ultrapassa a sua vontade pessoal.

L. D. – É. Que transcende o sentimento, transcende a... Para mim, que naquela época já não estava mais ligado a nenhum grupo de esquerda, nem nada, já era independente, foi particularmente sofrido. Bem. Depois, nosso período, foi o período das diretas. Como eu já não estava gostando muito da... Porque... Outra coisa que eu descobri também, posso estar falando besteira mas... que parlamento é uma instituição muito peculiar, muito peculiar. Assim, do ponto de vista da... É difícil adaptar. E alguém que vem de movimento social, mais difícil ainda.

M.M. – É. Mas acho que isso não foi uma questão só sua, não. A maioria dos deputados do PT teve esse tipo de problema.

L. D. – Não, não. Quase todos os parlamentares do PT que vieram do movimento sindical...

A. F. – Nós ouvimos isso do Gushiken hoje, praticamente a mesma frase.

L. D. – É? Principalmente os que vieram daquele movimento sindical assim... eu brinco que era o movimento marxista; não do ponto de vista da teoria não, da Primeira Internacional, aquela aluvional, não é. E a nossa greve era engraçadíssima. O pessoal ligava, falava assim... Já contei para vocês, não é? “Já está tudo parado. Quais são as reivindicações?” Quer dizer, era um negócio assim. Não era construído, tinha uma liderança que... Não. Ninguém conhecia ninguém.

A. F. – Era uma onda.

L. D. – Era uma onda ali. Os dirigentes formados naquele período, por exemplo, o Djalma Bom, teve muita dificuldade... (Era o Djalma, colega nosso) em se adaptar. De São Bernardo. Cento e oitenta mil votos. É diferentes de deputados como Berzoini, por exemplo, dessa última geração. Porque eles já pegaram outra fase do movimento sindical também. Uma fase que tinha muito mais interlocução com o Estado, uma fase mais qualificada do ponto de vista, talvez, intelectual, de estudos, de assessoria, de tudo. O nosso caso não. Então... Eu descobri, por exemplo, que Genoíno tinha uma tremenda vocação. Foi um grande parlamentar. O Eduardo Suplicy tinha uma grande vocação. Agora eu e o Djalma, especialmente... Você não encontrava lugar. E até hoje eu sinto, quando vou no Congresso. Eu tenho amigos ali, me recebem bem, não tem grilo nenhum. No auge da crise, sempre me receberam bem, em sessão, me apresentando como ex-deputado. Mas eu não... sabe?

M.M. – Mas ainda assim você resolveu se recandidatar. Foi uma pressão do partido?

L. D. – É. Aí a gente sempre tem que tomar cuidado, para não ficar dando... polindo a história depois que aconteceu. Eu, hoje, diria o seguinte. Primeiro, eu era o único deputado. Era o presidente, não é. Depois me tornei, já em 2004, presidente do PT em Minas, num processo de disputa muito duro, interna, muito duro. Seria longo explicar aqui mas... Daqueles assim que... Ficaria uma coisa até incompreensível, eu ser deputado federal, ter me candidato a presidente do partido. Eu era presidente do partido durante a eleição; e de repente falo “não vou ser candidato”. Isso de um lado. Então, ninguém admitia sequer conversar sobre esse assunto. Era quase uma traição. Mas de outro lado, eu não tive, acho que como ser humano assim, não consegui conversar comigo mesmo, ao ponto de dizer olha, eu não estou feliz nessa... Eu estou infeliz nesse papel. Eu parei de fazer discurso. Fazia muito por aí, nos lugares. Um dia o pai do Aécio Neves, que era deputado, o Aécio Cunha, me perguntou, até eu fiz uma piada com ele, “Ô Dulci, você parou de fazer discurso. É falta de amor à palavra?” Eu falei: “Não. É que eu tenho muito amor à palavra. Eu não quero... do jeito que está isso aqui...” Não sei se foi a coisa do colégio eleitoral também. Que, evidentemente, se tivesse campanha das diretas, isso me animaria muito. Nós adotamos uma coisa, que teve repercussão histórica, muito importante para o PT se tornar um grande partido. Quando a Nova República começou a decepcionar do ponto de vista econômico e social, aquela opção do PT...

M.M. – Cresceu.

A. F. –Era um elemento de identidade forte.

L. D. – É, de identidade. Foi melhor entendido. Ali, não, ali era o... Nós éramos os parias do parlamento. Mas não sei se foi isso, não. Eu até não encontro uma explicação. Então eu não tive... Até conversei com a minha mãe, ela não quis dar opinião, mas falou que eu devia avaliar bem. Ela falou: “Você tem que ver se você está se sentindo bem num lugar desse.” Minha mãe, depois, se filiou ao PT também. Então, eu não tive essa maturidade. Mas... Eu até tive mais voto na segunda eleição do que na primeira. Mas aí, também, apareceram outras lideranças de grande qualidade e prestígio, como João Paulo Pires Vasconcelos, o Virgílio Guimarães, que consolidou muito bem... o (Tiliter) Santiago, Paulo Delgado. Eu... também, explicação eleitoral mas... me dediquei muito à vida partidária.

M.M. – Pois é. Isso é que a gente queria que você falasse um pouco. Os nossos depoentes têm até falado um pouco da experiência parlamentar; mas sobre essa questão interna do partido, isso está nos faltando. E eu acho que você é o nosso entrevistado por excelência que pode nos falar um pouco sobre isso. Até pela sua longevidade na direção nacional.

L. D. – É. Desde que o partido começou. E continuo.

M.M. – Pois é. A gente sabe.

L. D. – Agora, eu sou o último. Aquela primeira coluna saiu. Não. É verdade. E aí é diferente. Engraçado. Eu gostava e gosto. Não perdi. Quer dizer, não foi... O parlamento tem suas crises. Mas não foi por causa de um episódio específico que eu... Não acredito que tenha sido. É uma aptidão maior para certas coisas. A vida partidária eu nunca abandonei. Eu disputei a eleição, fiquei como suplente, não voltei. Aí, quando eu perdi a eleição, eu pude... aí eu fiquei livre para...

M.M. – Trabalhar mais internamente.

L. D. – É. Aí não disputei mais. Porque, primeiro, tinha tempo para avaliar. Por exemplo, quando eu era secretário de Governo de Belo Horizonte, o Patrus falou “ô Luiz, sai deputado federal.” E acho que por causa do prestígio dele, mais que o meu, eu poderia ser eleito naquela ocasião. Acho que todo mundo achava que eu seria o candidato dele. Mas aí, quando eu perdi, eu tive... Até, minha mãe brincou comigo, falando “você retomou posse de você mesmo”. [risos] Mas foi. Porque eu tive quatro anos para... Fui mexer com a escola

sindical, voltei a dar aula; continuei na direção do PT. Quer dizer, não foi uma coisa com a política. Continuei na direção nacional do PT. A executiva nacional do PT.

A. F. – Para registro, a Escola Sindical Sete de Outubro, que foi criada em Minas, que era um projeto bem...

L. D. – É. É uma das escolas sindicais nacionais da CUT. Foi uma forma que eu encontrei... Eu participei. Com apoio do Movimento Sindical Italiano, nós criamos essa escola. Está lá até hoje, com as dificuldades aí, as vicissitudes. E foi uma forma de eu me reaproximar, voltar para o movimento sindical sem voltar para a nossa entidade, disputando espaço com a nova turma que tinha.

M.M. – Como é que funcionava a escola sindical?

L. D. – Ah, a escola sindical foi um projeto interessante. Ela foi construída, basicamente, com uma hora de salário que os trabalhadores italianos, principalmente da área metalúrgica, doaram em 87, acho. 87, 88. E o meu mandato terminou em 86. Nós fomos lá, um grupo de São Bernardo e algumas pessoas – o grupo era maior de São Bernardo, fomos na Itália, rodamos duzentos e tantos locais de trabalho, porque a doação era feita na hora, o pessoal assinava, doando uma hora de salário. Eu sabia um pouquinho de italiano mas não muito, assim, eu lia com dicionário e tal, mas falava um pouquinho mais do que os outros, virei o porta-voz, o papagaiozinho lá da... E me interessei por aquela coisa toda. Depois, aprendi mais italiano. E voltei, fui um dos diretores da escola, junto com Alex, ( ), esse pessoal, fiquei lá. Para depois sair... Só saí... Eu dava aula de outras coisas. Eu treinava, simultaneamente, professoras primárias para alfabetização. Que é um pouco a minha praia acadêmica, se é que eu posso dizer assim. E fazia muita palestra, ensino de português, ensino de redação, dava muito curso, curso nas universidades. Curso de...enfim, redação. Aperfeiçoamento de estilo, tudo. Cursos livres. Reunia trinta, quarenta alunos de mestrado, a gente fazia um curso de dois meses, três meses. Fiz vários lá em Belo Horizonte. Porque eu tinha que sobreviver também. Faculdade de Educação, Faculdade de Letras, Economia, Arquitetura. Tinha que trabalhar para viver. Porque eu não era profissionalizado também. Eu fui, por um período muito curto, profissionalizado na direção do PT. Mas você estava falando da... Então, foi por isso. Eu, hoje, diria que eu disputei já, assim, no íntimo, não querendo ser aquilo; mas, em parte, porque eu não tive capacidade, penso, minha, de saber exatamente o que eu queria naquele momento. Um pouco, um pouco deve ser... o prestígio do



deputado, não é, querer manter aquele prestígio. Ego, não é. Quer dizer, se você desiste, pode parecer que está desistindo porque não poderia continuar. E também porque ninguém nem considerava essa hipótese, essa discussão nunca apareceu. Mas aí para mim foi muito... Quer dizer, é sofrido. Se eu disputei, eu preferia ganhar. E foi sofrido e tal. Mas foi uma coisa engraçada. Assim, os primeiros quinze dias, vinte dias, um mês, pesava mais a decepção, a frustração de ter disputado e não ter sido eleito.

M.M. – Mas depois foi uma libertação.

L. D. – Depois, começou a dar um sentimento de liberdade... E eu ainda era presidente do partido. O mandato não tinha acabado, não. É uma coisa engraçadíssima isso.

M.M. – Dulci, uma coisa que você poderia falar um pouco para a gente, uma questão que acompanhou a história do PT, e durante muito tempo, até os opositores sempre colocaram como um problema, é a existência das diferentes tendências dentro do PT e como é que foi a administração disso, os vários momentos; essa discussão quando se criou uma forma de normatizar como é que funcionaria isso.

L. D. – Eu falo disso. Mas eu queria... na questão de partido... Que é verdade. Eu não sou o único, mas sou... Porque, por algum razão, eu nunca deixei de atuar na direção. E, às vezes, com sacrifícios pessoais grandes, que seria mais cômodo não mexer com aquilo. Eu volto já nesse assunto. Mas eu acho que pode interessar a vocês. Porque eu encontro outras pessoas por aí...sabe, espalhadas pelo... daquela época ou um pouco depois... O que é que me agradava e continua agradando na atividade partidária? Quer dizer, o partido é um sujeito político. Eu já pensei muito nisso, para mim. Eu falei pô mas... E é chato política, tem aquele lado todo... não é, tem uma... Então... Mas isso tem no partido e tem no mundo. Por que é que quando me falam de ser candidato ao parlamento eu... a reação é quase física, assim. É que... Não sei se é por que eu era deputado de um...

[FINAL DA FITA 3]

L. D. – O contrário do que possa parecer, pelo menos naquela época que nós éramos oposição, era ditadura ainda, o deputado, ele, de concreto mesmo, naquela ocasião...

M.M. – Os limites do parlamento, naquela época, também eram grandes.

L. D. – Os limites eram enormes. A repercussão do que você fazia é pequena, como parlamentar. Tinha mais repercussão o que você fazia na rua do que dentro do parlamento. E uma pressão... assim, por encaminhamentos concretos, corporativos, muito grande também. E isso aconteceu comigo, acho que aconteceu com outros sindicalistas naquele período. Quer dizer, a categoria tinha o seu representante. Então, assuntos... legítimos, mas que tinham que ser encaminhados administrativamente lá... Ao contrário do que possa parecer... Porque você fala, bom, deputado está lá em cima, como diz o povo. Você está lá em cima, então você pode fazer política, não é. Os debates no parlamento, muito limitados naquela época. Então o aspecto assim, por exemplo, de reflexão, de análise, a dimensão de luta doutrinária é muito limitado. E aquele peso enorme das reivindicações individuais, corporativas, nem sempre muito legítimas. No partido era o contrário. Ninguém cobra de um partido que resolva problemas, ninguém fica chateado porque você não conseguiu trocar uma professora daqui para lá. O partido, para mim, sempre foi o espaço da luta programática, da luta doutrinária, da pedagogia política: formação política, organização de grupos, secretaria sindical, secretaria... Da pedagogia política, digamos, sem o compromisso com resultados materiais imediatos. E como o PT foi crescendo, ele foi se estruturando, isso aí me interessava demais, como me interessa até hoje. Eu, nesse final de semana agora, vou para o Pará e para o Amapá, que é uma coisa cansativa, etc, mas... pelo partido, pago pelo partido, viajando de madrugada –, mas é uma coisa que eu me sinto bem fazendo. Nesse caso agora, eu vou, evidentemente, compartilhar outras experiências de governo, outras informações de governo. Mas eu passei os anos 80 todo fazendo isso.

M.M. – Dentro desse período dos anos 80, essa atividade pedagógica partidária, como é que isso se materializava?

L. D. – Era pedagógica e organizativa, que eu também gosto. Eu gosto da atividade organizativa. Gostava de sindicato, Fundação Perseu Abramo, partido. Mas organizativa para a uma causa, não para objetivos materiais, de pessoas e tal. Era assim, por exemplo, viajar para diversos estados e, dentro dos estados, para cidades pólo, para cidades do interior, orientando a estruturação do partido do ponto de vista da Lei Orgânica dos Partidos, etc. etc.. Era, nas mesmas viagens ou em outras, fazer palestras sobre o programa histórico do PT, a plataforma eleitoral, (mas em geral, plataforma eleitoral, não) sobre o programa, sobre a

nossa análise de conjuntura, sobre a nossa visão histórica do Brasil. Quer dizer, situação o projeto do PT no contexto... quer dizer, na trajetória histórica do país mas também naquele momento, distinguindo, didaticamente, o PT dos outros partidos. E isso era muito gostoso de fazer. Conversando com gente que nunca tinha participado, na maioria dos casos, de partido político na vida e tinham se interessado por participar do PT. Então, era uma coisa tão agradável, pessoas que tinham ido voluntariamente ali, que não cobravam nenhum benefício material.

M.M. – Queriam conhecer o partido.

L. D. – É. Ou então, já tinha decidido aderir, queriam mais razões para... Então era muito assim. Nós queremos conhecer melhor. Nós entramos no PT, queremos conhecer melhor quais são as propostas do PT. Por outro lado, nós recolhíamos também muitas coisas. Para quem é professor, você ouvia muita coisa. O que, na direção nacional, era muito útil, para você saber o que é que estava acontecendo lá. Às vezes, você achava...

M.M. – Na verdade, era uma atividade que você tinha muito mais conexão com a sociedade, com o movimento social do que uma atividade parlamentar, que você ficava isolado.

L. D. – Muita conexão. É. Uma conexão com o movimento social muito direta, não eivada de suspeição, porque você não era candidato... então, eu estava indo em Sergipe... Certamente eu fui, junto com o Lula, talvez depois dele, o dirigente nacional do PT que mais rodou o país. Tinha um lado assim de conhecer o Brasil, que sempre me agradou, que eu não poderia fazer só por minha conta, conhecer as capitais, conhecer as cidades do interior... Então, eu ouvia falar de Petrolina, ouvia falar de Caruaru, de Olinda, de Jaboatão, de repente você estava lá, falando para gente que queria te ouvir, trazendo informações. A gente, às vezes, chegava na direção nacional e falava: “Olha, pessoal, isso que nós estamos defendendo, o pessoal concorda, mas não por essa razão, eles lá estão falando...” Então era um processo de comunicação política muito interessante; e muito assim... correspondia a uma descoberta do Brasil sobre ele mesmo. Os movimentos sociais tinham um prestígio enorme. Você não tinha ainda determinadas contradições, que depois aparecem, fatalmente, aparecem, eu acho, quando você assume postos na administração pública, ou seja, município. Então... E eu gostava das questões organizativas. Como estruturar uma secretaria de formação política no município ou no estado, as questões de propaganda, como... por exemplo, já tinha os

primeiros vereadores, e aí, como treinar os vereadores para a função legislativa no interior. Se eu, hoje, tivesse que dizer... ah, fala uma razão pela qual você gostava tanto, eu diria que é a dimensão educativa, pedagógica. Quer dizer, era uma coisa... Todo professor... Não que eu só levasse e não trouxesse, mas... aquelas pessoas ávidas de informação, anotando tudo, querendo conhecer um pouco mais de economia, um pouco mais da história política do país, e com uma espontaneidade, sabe. Nunca cobravam nada. A não ser apoio. Mas nunca assim... Ao contrário, às vezes, da função parlamentar, que as pessoas começam a te cobrar, “você está lá há dois anos e nosso salário não aumentou”, sendo que o salário é estadual... Quer dizer, a função parlamentar, naquela época, as pessoas não conheciam muito bem; depois de vinte e tantos anos de ditadura, para que é que servia um parlamentar. Bem. Mas isso...

M.M. – Mas vamos lá à questão das tendências.

L. D. – A questão das correntes, das tendências. O que, exatamente, você?...

M.M. – Porque nesse período do... Até essa cronologia não fica assim muito clara. Mas, na década de 83, 84, você tinha aquelas várias correntes políticas. Eu queria que você falasse um pouco, como é que essas correntes se relacionavam dentro do partido, quais os problemas que isso trazia para o partido e qual foi o tipo de solução ou de encaminhamento que o partido deu. Quer dizer, que aí vai gerar a criação da Articulação... Enfim, toda essa gestão interna.

L. D. – E mesmo regras. E métodos.

M.M. – É. Exatamente. É isso que eu queria que você falasse.

L. D. – É verdade. Eu... Quer dizer, como eu tinha sido, durante um período, de um partido clandestino, que, no início da história do PT, sai, mas eu conhecia mais do que outros, que nunca tinham participado, e sabia identificar determinadas correntes, que não se assumiam enquanto tal porque ainda eram clandestinas, mas que, pelas palavras de ordem propostas, pelo tipo de análise, pelas categorias de interpretação, eu, por ser uma pessoa de classe média, tinha feito faculdade...

M.M. – Elas não se assumiam, então, como correntes.

L. D. – Não. Ainda não. Eu diria para você (é uma opinião pessoal) que foi mais ou menos assim. No final dos anos 70, as correntes da esquerda brasileira se dividiram. Algumas

recusaram a proposta do PT por achar que era muito estreita do ponto de vista de classe, de estratégia de transformação social e tal. Foi o caso do Partidão, não é, e de outras. O PC do B, naquela época. O Partidão e o PC do B achavam que a nossa proposta era estreita. Eles tinham uma visão de frente. Mas também porque eram partidos que tinham uma certa força, um certo prestígio e pretendiam liderar a esquerda, legitimamente, aliás. O PC do B, menos. Mas o PCB... Eu convivi muito com Roberto Freire, com outros dirigentes, eles se julgavam historicamente credenciados – como foram os comunistas italianos – para liderar a esquerda brasileira. Tiveram todo um processo interno de identidade com o eurocomunismo, com isso, com aquilo. Se julgavam muito mais, digamos assim, refinados do ponto de vista de análise, mais experientes do ponto de vista histórico e mais credenciados; com mais bases populares, eles achavam que tinham. Na primeira eleição, se for considerar que o PT elegeu apenas oito deputados, se apresentando por conta própria – eu não me lembro de cabeça mas... o PCB antigo, o Partidão, colocando candidatos dentro do PMDB, talvez tenha eleito um número parecido, então, não estava escrito nas estrelas que nós... o PT estava fadado a ser um partido maior. Então, por essa razão. O PDT, o Brizola, também, tinha essa legítima pretensão e tinha o prestígio.

M.M. – Claro. Voltou com tudo.

L. D. – Voltou com tudo. E a vida prática mostrou que ele tinha muita força, não só no Rio Grande do Sul. Ele ganhou no Rio. Entrou numa eleição difícil, começou lá embaixo e ganhou. Tinha um carisma grande. Depois, com a idade, ele perdeu um pouco. Mas naquele início era... Os militares temiam mais a ele do que a nós.

M.M. – É verdade.

L. D. – O Golbery até não cercou muito... quer dizer, tentou cercar a gente, mas, sobretudo, ele queria impedir o Brizola de pegar a sigla PTB. Agora, de outro lado, tinha pequenos, que eram todos pequenos...

M.M. – Agrupamentos.

L. D. – É. O maior deles, provavelmente, era a AP, a antiga AP. Mas nenhum deles era muito grande.

M.M. – A Convergência também.

L. D. – É. Mas era pequena também. Nenhum deles era muito grande. Mas, somando todos os grupos, era um contingente razoável de quadros políticos.

M.M. – E essa gente foi toda para o PT.

L. D. – É. Uns demoraram um pouco mais, outros demoraram um pouco menos. A Convergência foi mais cedo, porque eles tinham uma visão, de um certo tipo de análise trotskista, que para constituir o partido revolucionário tinha que... enfim, junto com os trabalhadores, aquela coisa. Mas a gente pode considerar que, até o final de 80, virada para 81, todos esses grupos, todos os grupos trotskistas, que eram seis ou sete, e alguns que tinha sido marxista-leninista, ou eram, mas que tinham sido críticos do Partidão, do PCB, daquela estratégia de aliança com a burguesia nacional... Toda aquela história, não é, que eu não vou voltar aqui. Todos esses acabaram entrando no PT. E aí o PT eu acho que ficou com, basicamente, quatro grandes... Se for considerar os simpatizantes do PT, aí é outra coisa. Mas eu estou falando assim...

M.M. – Pessoas que eram filiadas.

L. D. – É. Que se filiaram ao PT, que de certa maneira se articularam dentro do PT, para imprimir um rumo ao partido. Porque tinha muito filiado mas que não queria imprimir rumo nenhum, ficava... queria participar e torcia para dar certo. Eu diria que tinha a igreja, sobretudo a Igreja Católica de base, alguns bispos, mas poucos, mas muitos padres, muitas freiras, muitos agentes pastorais, e muitos leigos também, de CEBs, disso, daquilo. Numericamente, acho que era o maior contingente. Acho não...

M.M. – Certamente.

L. D. – Certamente. Bem. Um outro, o segundo segmento, que às vezes se confundia um pouco com esse nas iniciativas e tal, que era dos novos sindicalistas, alguns desses novos sindicalistas, originários de movimentos da igreja, outros não. O Lula mesmo não. Eu também não. Interessado, simpático, mas não. Já outros sim. O João Paulo Pires de Vasconcelos, por exemplo, é muito próximo da igreja. Os sindicalistas rurais, que participaram do PT desde a fundação, do Pará, o Avelino Ganzer, muito próximos da igreja. Então variava um pouco. Porque a igreja tinha uma estrutura nacional, não é, e ela tinha ajudado na resistência e tal. Bem. Esse era um segundo setor. As posições eram muito parecidas, no início. Por que eu classifico como segundo setor? Primeiro, porque a sociedade

via assim. Depois, que os novos sindicalistas tinham muito orgulho da sua identidade como novos sindicalistas, e não como igreja ou como... E eram fortemente sindicais. Coisa que a igreja não era. A igreja não tinha muita presença... Até porque eu acho que... com grande generosidade e tudo mas... durante o período da ditadura, a Ação Católica Operária, por exemplo, ela criou espaço para sindicalistas, para militantes e tal, mas fora da... quer dizer, fora do sindicato. Os poucos sindicatos que sobraram... O Lula mesmo conta isso. Lá em São Bernardo tinha, tinha movimento católico operário, mas eles se reuniam mais fora do sindicato, na sede da Ação Católica ou no salão paroquial, do que dentro do sindicato. No fundo, a igreja fez um pouco parecido com o que as correntes de extrema-esquerda fizeram, organizaram focos de resistência fora, porque os sindicatos eram muito amarrados. Bem. Eu integrava esse segmento mais do que outros, já nesse período, depois que eu saí do MEP. Um terceiro segmento era, exatamente, essas organizações de esquerda todas, que brigavam duramente entre si. Quer dizer, brigavam... brigavam não...

M.M. – Disputavam.

L. D. – Disputavam legitimamente, mas com muita radicalidade. E disputavam também a influência sobre os outros dois setores; em especial, sobre os novos sindicalistas que puxaram o partido. Quer dizer, o Lula e outros sindicalistas; mas, sobretudo o Lula, ele se tornou a principal referência, ele puxava. Na primeira executiva nacional, certamente, – não me lembro de cabeça mas... – se tinha quinze, pelo menos dez eram de novos sindicalistas. Lembrando aqui. O Lula, o Jacob, o Olívio, eu, ou então, gente que tinha voltado do exílio mas que era sindicalista, como aquele menino de Osasco, que hoje está... Depois, ele foi para a Social Democracia Sindical. O José Ibrahim. O Paulo Skromov. Quer dizer, mesmo quando eram pessoas ligadas a organizações de esquerda, eram sindicalistas. O maior fator de legitimação para entrar na direção era a condição de sindicalista. E os dirigentes sindicais que tiveram maior... que hegemonizaram, era o Lula, o Jacob, o Olívio, numa medida menor, eu, mas eu era ligado a esse grupo; tinha alguns intelectuais: o Weffort, etc.. Quando você ia para as direções maiores. Agora, na primeira executiva nacional, muito pouca gente da esquerda, da esquerda clandestina. Só que aí começou a acontecer uma coisa curiosa. A hegemonia, a liderança natural, também, a liderança espontânea era mais dos novos sindicalistas e da igreja. Ah! Um quarto setor. Um quarto setor, que não entra muito mas que eu considero que... de intelectuais de grande prestígio no país, que apostaram no PT, no

momento que o PT não tinha... não estava dito em lugar nenhum que... O Antonio Cândido, o Sérgio Buarque de Holanda, Mário Pedrosa, Hélio Pelegrino, Marilena (Chauí), Paulo Freire, quer dizer, alguns desses eram... como Antonio Cândido, já era considerado o maior crítico literário do Brasil.

M.M. – Sérgio Buarque também. Um grande professor, historiador.

L. D. – Sérgio Buarque estava no meio. Maior historiador vivo, eu acho, e um tremendo crítico literário também. O Paulo Freire era, reconhecidamente, o maior educador vivo. Assim... Não estou dizendo que ele fosse. Estou dizendo que ele era considerado dessa maneira, no Brasil e fora do Brasil. A Marilena era uma...

M.M. – Grande filósofa.

L. D. – Filósofa. Talvez você não pudesse dizer que já era considerada. Não sei se ela é. Mas ela era uma das maiores. O Hélio Pelegrino, um cara muito respeitado. O Henfil. Bem. O Mário Pedrosa era o decano dos socialistas. Agora esse grupo... Porque isso tem muita importância para o que veio depois. Os novos sindicalistas atuavam de uma maneira um pouco caótica e tal, mas se articulavam, se reuniam, conversavam e tal, o pessoal da igreja também, as correntes de esquerda também, com as suas diferenças e tal; os intelectuais não. Esses intelectuais, que, em geral, vinham... Paulo Singer – vinham dos anos 60, (Weffort), vários deles eram do antigo Partido Socialista e era gente que já tinha feito a crítica do stalinismo, feito a crítica... desde os anos 50; no caso do Antonio Cândido, desde os anos 40. O Antonio Cândido era um dos redatores daquele jornal... da *Folha Socialista*, e é impressionante, os textos, porque, de um lado, a crítica do stalinismo, já naquela época, do outro lado a crítica da social democracia, já naquela época; e a busca de uma síntese entre socialismo e liberdade. Que eles tentaram no Partido Socialista e não conseguiram, porque o Partido Socialista não tinha um vínculo com... Sérgio Buarque era do Partido Socialista, Paulo Singer foi do Partido Socialista. Não por acaso. Outros não. Marilena era novinha demais para ser.

M.M. – Era outra geração.

L. D. – É. Mas é curioso isso, porque é a turma que tinha ficado assim... meio isolada, porque eles não eram ligados nem ao Partidão nem ao PC do B nem à social democracia brasileira...



M.M. – Nem muito à igreja também.

L. D. – Nem muito à igreja. Pelo contrário. Eram quase todos... tirando o Paulo Freire, os outros eram laicos e até um pouco refratários. Porque, gente de mais idade, e gente que se formou numa época em que a igreja era...

M.M. – Muito conservadora.

L. D. – A cara do conservadorismo no Brasil. Depois, mudou um pouco, porque eles participaram do negócio de anistia. Mas eles eram muito refratários.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

M.M. – Você estava falando desses agrupamentos.

L. D. – Sim. Então eu diria que tinha quatro, digamos, segmentos.

M.M. – Vamos lá à esquerda. Daqui a pouco você tem que ir embora, eu não quero perder isso.

L. D. – É. Não perder a esquerda. Bem. O menos influente do ponto de vista popular...

M.M. – Eram esses grupamentos de esquerda.

L. D. – Eram os grupamentos de esquerda. Mas era um pessoal de...

M.M. – Mais militante. Mais organizado.

L. D. – Muito mais militante, mais organizado, com uma dedicação às tarefas organizativas...

M.M. – E faziam um barulho danado.

L. D. – É. Mas não só o barulho. Por exemplo, lá em Belo Horizonte, na direção da executiva, eles tinham pessoas para colocar, para viajar para o interior, para pegar as assinaturas imprescindíveis a organizar o PT, para fazer os jornaizinhos...

M.M. – Quem eram, como é que você nomearia essas principais correntes? Convergência...

L. D. – Eu não quero fazer hierarquias mas... A AP, que tinha um número, certamente, maior de militantes e que entrou e logo, talvez no primeiro ano, se dissolveu. Bem. O MEP, do qual eu participei, que era menor, mas tinha um certo peso em algumas regiões, que não se

dissolveu, ficou no PT, durante muito tempo, como uma corrente. A maioria não se dissolveu. Porque aí tem a ver com a problemática que aparece depois. A Convergência Socialista, que também não se dissolveu e se manteve como partido o tempo todo, e depois, inclusive, saiu por causa disso, para legalizar o partido que eles já tinham. O pessoal do jornal *O Trabalho*, também trotskista, uma corrente menor, mas que tinha uma presença estudantil em algumas áreas vigorosa. Está aí. Clara Ant era, Palocci era, Gushiken era. Aqui no governo, talvez, o maior número seja... O Eugênio (Butti), da Radiobras, era dessa corrente. Porque, sobretudo na universidade em São Paulo...

M.M. – Era a LILELU. Mas aí é um pouco mais tarde, que eu me lembre.

L. D. – LIBELU. Não, não. É nessa época.

M.M. – Não? Engraçado. Eu estava com ideia de que...

L. D. – Não. Era essa a época. Eles eram oposição a mim no sindicato. Porque achavam a gente muito moderado e tal. Dentro da esquerda, não é. Quem mais? Durante um certo tempo como uma dissidência do PC do B, o Genoíno, o Vladimir Palmar (Palmeira?) e o Oséas Duarte, eles fizeram um racha grande no PC do B, expressivo, entraram no PT mas entraram como uma corrente própria, e criaram um partido chamado PRC, Partido Revolucionário Comunista. Quem mais? Bem. Alguns grupos menores. Se eu não estou esquecendo, eram esses. E no Brasil inteiro, somando militantes do movimento estudantil, um número menor, pequeno, mas que existia, no meio operário, mais um número razoável nos movimentos sindicais de classe média, médicos, bancários, professores e outras categorias de classe média, eram alguns milhares de militantes. E não estavam apenas nas capitais. Estavam no interior. Muitos desses tinham estabilidade no emprego. Então... E com muita dedicação. Porque, às vezes, o pessoal fala, folcloricamente: “Ah...esse pessoal, era mais barulho.” Não.

M.M. – Eu disse que eles faziam muito barulho, não é que eles fossem só isso. Mas é que aparecia muito. Até por conta disso, porque eles tinham um engajamento muito grande. Uma disponibilidade.

L. D. – É. Apareciam muito. Sim. Menos risco de perder o emprego.

M.M. – E disponibilidade para trabalhar, para ir fazer as coisas.

L. D. – Exatamente.

M.M. – Fazia aquelas assembleias infundáveis, aquelas pessoas seguravam a onda, ficavam lá.

L. D. – Exatamente. Chegavam antes, ficavam até o fim. Podiam viajar para o interior, às vezes iam no seu próprio carro – o partido não tinha dinheiro, não é. Tinham mais disponibilidade para manifestações de rua, porque tinha muitos que eram profissionais liberais, professores universitários, estudantes universitários. É diferente do pessoal que estava na fábrica, por exemplo. Bem. Aí... Começou assim. Começou dessa maneira. As correntes, os grupos de esquerda, que na época eram partidos, todos eram partidos, partidos clandestinos, com direção clandestina própria, com uma linha clandestina específica, que não era apresentada nas reuniões do PT como fruto de partidos clandestinos, era apresentado como um grupo de petistas. Bem. E, aos poucos, foi ficando evidente que tinha muitos fatores de unidade entre as correntes de extrema-esquerda, esses partidos, e os sindicalistas, a igreja, etc., mas que também tinha diferenças importantes, diferenças estratégicas e táticas importantes. Então, por exemplo, alguns desses grupos eram contrários a que nos participássemos da eleição de 82.

M.M. – É. A via eleitoral não estava na agenda deles.

L. D. – É. Ou então, concordavam que participasse mas com uma visão muito diferente. Alguns desses grupos foram contrários a que nós participássemos das lutas pelas diretas. Isso foi evoluindo também, depois, a unidade foi se tornando maior. As palavras de ordem que alguns desses grupos propunham não batiam com aquilo que nós... que os sindicalistas, por exemplo, acreditavam. Quando nós fizemos aquelas reuniões do Sion, depois o primeiro encontro nacional e o segundo encontro nacional, começaram a aparecer propostas programáticas radicalmente contrárias. Por exemplo, governo dos trabalhadores – como centro da mensagem que o PT ia passar para o país. Isso era muito diferente, por exemplo, do que o Lula queria. Ou então, assumir um programa socialista. Eu não falo do programa socialista do PSB não. Um programa comunista. Um programa comunista para as eleições de 82. Que não era a nossa ideia. E que causava um... E no método também. Porque o pessoal propunha uma estrutura celular. Bem. A ideia de frente política, que o PT era uma soma de diversas correntes de esquerda, e não um partido. Essa foi uma tremenda polêmica: frente ou partido? O MEP, por exemplo, do qual eu tinha participado, trabalhava com a ideia de frente,

no início. E outros grupos também. Partido tático ou estratégico? É um abrigo para partidos políticos que têm sua direção própria, etc. ou é um partido com...

M.M. – Algo que tem uma identidade própria, nova.

L. D. – É. Que nós todos entramos do jeito que somos mas para construir uma coisa nova, que, nesse sentido, aboli o que havia antes. Então... E nós, nesse caso, eu já estava firmemente integrado no grupo dos novos sindicalistas, era parte da maioria da direção, nós começamos a perceber o seguinte: se você fazia coisas massivas, prevalecia uma determinada linha; se você fazia coisa num certo ambiente, propostas da extrema-esquerda....

[FINAL DA FITA 4-A]

M.M. – (.....) É. Na época, era uma coisa muito impactante, criava muitas dificuldades.

L. D. – É, impactante. E tinha desdobramentos práticos distintos, não é.

M.M. – É.

L. D. – Bem. Denunciar o parlamento burguês. E vinha por aí afora. Do ponto de vista de política econômica, por exemplo, implicava... Vários grupos importantes propuseram que o nosso programa para as eleições de 82 fosse pela estatização do sistema financeiro.

M.M. – É. Gushiken, hoje, falou isso. Até depois, na Constituinte.

L. D. – É. Até depois. Mas mesmo no momento em que os novos sindicalistas... O Lula nunca defendeu isso na vida. Nunca. Ele tinha até um certo pé atrás contra empresas estatais e tal. Que achava que era cabide emprego. Bem. Aí nós começamos a perceber que os grupos de esquerda se estruturavam muito bem. Tinham os jornaizinhos, por exemplo, que quem não era desses partidos não tinha. Tinham finanças próprias. Quem não era desses partidos não tinha. Se reuniam antes das reuniões do Diretório Nacional, fechavam posições, e nós não fechávamos. Aí a primeira resposta que, eu diria, que nós demos a isso foi de constituir uma... a chamada Articulação dos 113. E constituímos. E aí já juntava...

M.M. – Lembra quando foi, exatamente?

L. D. – Acho que foi em 84. Acho. Já juntava os novos sindicalistas, quase todos, naquela época, as lideranças de igreja quase todas, naquela época, e a grande maioria dos intelectuais independentes. Quer dizer, quem ficou de fora? Os grupos, os partidos clandestinos de esquerda, etc..

M.M. – Aí que começa a definir essa coisa das tendências?

L. D. – Não. Porque tem... É. É. Tendência tal, tendência tal. Só que aí nós percebemos que não bastava, porque... Bem. Se nós também estávamos virando um grupo, ainda que um grupo amplamente majoritário, tanto na cúpula quanto na base, nós íamos reproduzir o comportamento dos outros? Quer dizer, nós íamos fazer um jornal para nós, e não para o partido, finanças para nós, e não para o partido, quer dizer, íamos fazer a nossa formação política, e não para o partido, por que isso? Porque aí o PT já estava começando a ter muita gente simples, muita gente de massa, que não era vinculada a nada, e tinha como referência o Lula, uma postura do PT, a referência nacional era o Lula. Aí nós começamos a trabalhar... eu não me lembro bem. Sei que Gushiken e eu trabalhamos ativamente nisso. Eu não sei se foi em 86, acho que foi em 86, para regulamentar. Porque nós achávamos... Tem muita gente que acha que o problema das tendências só trazia prejuízo para o PT. Mas todos, todos, sem exceção, achavam que tinha que haver direito de divergência. Todos, sem exceção, criticavam o modelo não só stalinista mas leninista de partido, porque nós queríamos um partido de massa, e não de vanguarda; mas queríamos, também, um partido em que as minorias tivessem espaço. Isso unia todo mundo. Aí, a primeira solução para isso foi cada um constituir a sua tendência. Nós também. Só que isso nós verificamos que começava a ficar uma coisa esquisita, porque as tendências não eram assumidas, algumas delas não se assumiam como tendência, tinham direções próprias, então o pessoal já chegava com uma posição e não acataria, em hipótese nenhuma, a decisão coletiva, porque consideravam que o verdadeiro partido revolucionário era o clandestino, e não o legal. Então, achamos que não era suficiente, aí nós nos empenhamos para criar o regulamento das tendências.

M.M. – Você foi uma das pessoas que se ocupou disso. Você e Gushiken.

L. D. – É. A redação foi nossa no final. Mas conversando com outras correntes. Basicamente para quê? Para dizer... Nós, inclusive, negociamos com algumas forças, dizendo o seguinte: olha, pessoal, nós só vamos propor que as tendências internas no PT sejam oficialmente reconhecidas no partido, que entre no estatuto, etc... Ou seja, que nunca

nenhum partido de esquerda no Brasil tinha tido isso, reconhecer tendência interna dentro dele mesmo, dissidência, etc. Pronto. Nós só faremos isso se a maioria de vocês estiver disposto a acabar com essa estrutura clandestina paralela. Pode ter jornal aqui? Pode. Mas dentro do partido. Pode ter formação política? Pode. Mas junto com todo mundo. Pode ter política internacional própria? Não. Essa foi uma das razões que os...

M.M. – O Convergência saiu.

L. D. – O Convergência saiu. Porque os trotskistas eram todos vinculados.

M.M. – À Internacional.

L. D. – A DS, por exemplo, eu conversei como João Machado na época, com Raul Pont, e eles dizem: vamos ver como é que é isso, porque nós...

M.M. – Temos um compromisso com a Internacional.

L. D. – Está certo. Nós aceitamos que, se a maioria do PT votar uma linha, nós teremos que seguir a maioria do PT, e não o Mandel. Mas nós não queremos perder a possibilidade de participar do processo internacional que o mandelismo nos viabiliza. Estou falando com as minhas palavras.

M.M. – Claro.

L. D. – E falamos: não, tudo bem. Vocês não podem falar em nome do PT lá, em nome do conjunto do PT, podem falar em nome de vocês, e nem podem contrapor uma deliberação da Internacional a uma decisão. Vocês têm, como qualquer um de nós, vocês têm que acatar. Nós também temos nossas ideias. Eu lembro que falei para eles na época: eu, por exemplo, hoje me referencio muito nessa turma da *New Left Review*, Raymond Williams, Thompson e outros. Eu estou lendo essa turma. Então... não tem problema. Agora nós temos que acatar o que for democraticamente decidido pela maioria dentro do PT. Aí eles diziam: não, está certo, a linha que vai prevalecer é a da maioria; mas nós temos a nossa história, a nossa leitura do quadro. Nós vamos executar o que a maioria decidir do ponto de vista de luta pública, mas nós queremos ter o direito de trabalhar dentro do partido para virar maioria algum dia. Sabe?

M.M. – Era uma tensão.

L. D. – Uma tensão. Aí nós fizemos a regulamentação das tendências, acho que foi em 86, dizendo isso; e colocando coisas que são tremendamente inovadoras. Por exemplo, o sujeito faz uma chapa. Se ele tiver dez por cento, ele entra na direção mas entra, inclusive, na executiva. Isso não tem em partido político nenhum, nem no Brasil nem fora. Agora talvez tenha, mas, naquela época, não tinha. Nem os próprios partidos trotskistas tinham essa coisa dentro. Que tinha aquela polêmica de o que é que é fração, o que é dissidência, o que você pode divergir, o que é que não pode. Aí nós estabelecemos, coletivamente, tudo votado por eles, por nós, no encontro; e a única corrente que não aceitou... ficou e tal, mas, nitidamente, não aceitava isso era a Convergência. Eu diria para você o seguinte... Bem. A semana passada ou quinzena passada, a DS brasileira rompeu com a... Não sei se você ficou sabendo disso.

M.M. – Com a Internacional.

L. D. – É. Agora, no ano de 2006. E rompeu, entre outras coisas, por causa da Internacional querer forçá-los a sair do PT. Da IV Internacional mandelista. Porque são várias. Agora olha quando, hein?

M.M. – É. Muito tempo.

L. D. – Durante esse tempo todo, eles se mantiveram, mas sempre respeitando as deliberações internas. A avaliação que eu faço disso é o seguinte. Teve um lado tremendamente positivo. De não ser monolítico, das ideias alternativas poderem debater dentro do partido... Isso é salutar não só para eles, é salutar para qualquer maioria que exista no partido. Porque gera uma... evita a burocratização, sabe; cutuca, tenciona, instiga. Não é ruim.

M.M. – É. Cria um debate permanente, um questionamento.

L. D. – Cria um debate permanente, evita, também, aquelas – como eles chama na Itália – as maiorias búlgaras, que ficam ali aquilosas e tal. Então tem muitas... Eu, por exemplo, não estou disposto, hoje... O regulamento de tendências permanece até hoje no partido. Eu não estaria disposto, de jeito nenhum, a abrir mão do direito que está lá para voltar ao velho modelo: quem tem cinquenta e um por cento leva tudo, o dirigente fica o tempo que quiser, não é questionado. Enfim. Não estou disposto. Com todo os problemas que isso possa ter gerado, eu acho que isso foi e continua sendo o modelo...

M.M. – Tem mais vantagens do que desvantagens.

L. D. – Mais vantagens. Agora trouxe desvantagens – menos, naquele período, e o com o passar do tempo, mais desvantagem – no seguinte aspecto, na minha opinião. É que as tendências, elas são tendências políticas cristalizadas a priori; então, se eu sou da tendência a ou da tendência b, e isso vale para todas, eu já... – eu vou acatar o que for decidido, isso aí não tem problema, hoje, todo mundo acata -, mas eu já chego para o debate...

M.M. – Com a sua posição tomada.

L. D. – Com a minha posição, porque as tendências não se formam durante o debate, como eu acho que é excelente, elas vão se cristalizando e elas crescem, uma tendência cresce na disputa contra a outra; então ela... Nós vivemos, nos anos 90, vários debates no PT que, na mesa de bar, com quatro pessoas de quatro tendências diferentes, não havia divergência; no encontro do partido, aquilo virava divergência porque era a política de afirmação de cada corrente. Você, às vezes, era... eu não vou apoiar a proposta deles porque eu cresço polemizando com eles; tradicionalmente, eu tenho muitas diferenças com eles, então não posso... Quer dizer, as tendências... O que nós garantimos na regulamentação das tendências era o direito de ter tendências. Só que isso virou uma espécie de mosaico permanente de grupos rigidamente constituídos, com direção própria – dentro, não fora –, sem política internacional própria, etc., acatando as decisões – mas, rígido demais. E como o PT cresceu, se tornou um partido de massas, a grande maioria dos filiados não pertence a nenhuma dessas correntes. Só que a dialética entre as correntes acaba bloqueando a participação do filiado comum.

M.M. – E eu acho, com a eleição do Lula, isso complicou um pouco, não é?

L. D. – Complicou. Hoje, essa crise de 2005, crise política de 2005 e tal, e o impacto tremendo que ela teve no PT, eu acho que está contribuindo já, na prática, e pode contribuir mais ainda, para que o partido entre numa nova etapa. Por exemplo, há muito tempo que não tinha maiorias rígidas... Há muito tempo que o PT tinha maiorias sempre rígidas. Então, quem é da maioria é da maioria, quem é das minorias é das minorias. Pouca... sem vasos comunicantes...

M.M. – Sinergia.

L. D. – Pouca sinergia, sem vasos comunicantes. E ao ponto que a nossa maioria, fomos nós que fizemos isso, se chamou Campo Majoritário, quer dizer... Que é uma coisa



muito esquisita, porque as maiorias vão se constituindo. E as outras correntes se chamaram de esquerda; sendo que há muita diferença de opinião entre elas também. Agora, depois dessa crise toda e da última eleição, da reeleição, já não está sendo mais assim. O Diretório Nacional se reuniu a semana passada em São Paulo e foi possível trabalhar, de novo, de acordo com os temas, opiniões.

M.M. – Rompeu um pouco com esse congelamento entre...

L. D. – É, rompeu um pouco. Então eu... assim, auguro, não é, para o PT, nesse momento, que preserve o direito de tendência, mas que a gente caminhe para que as tendências não sejam quase que estruturas administrativas, quase como se fossem pequenas empresas, que, para crescer dentro do partido, precisam tomar pedaço das outras. Isso vale para a maioria, para a nossa, vale para a de todo mundo. Quer dizer, esgotou esse modelo. Mas ele foi muito... Acho que foi o preço necessário a pagar: durante os anos 80 e 90, nós, praticamente, não tivemos nenhuma ruptura, nenhum racha. Interno, sim. Polêmicas tremendas, bate-boca, a imagem pública do PT ficou essa de que... de um partido conflagrado, um saco de gatos, etc.. Mas isso não nos impediu de crescer...

M.M. – De avançar, não é.

L. D. – De avançar. Mas, agora, talvez nos impeça. Por isso é que nós até estamos começando a trabalhar aí com as nossas tendências, para atualizar, atualizar essa regulamentação, porque ela é muito antiga, está muito defasada.

M.M. – E você está trabalhando nisso?

L. D. – Me dispus a trabalhar, com companheiros de outras correntes, para a gente... Porque, por exemplo, você tem o jornal do partido, que é de todos; e, hoje em dia, todo mundo contribui de alguma maneira para o jornal do partido; mas cada corrente tem o seu... o seu... E muitas vezes a pessoas distribui o da corrente, não distribui... Ou então distribui o do deputado. Porque, um problema que não existia, a não ser residualmente, nos anos 80, hoje é muito forte: os mandatos parlamentares se tornaram verdadeiras correntes.

M.M. – Claro. Os deputados trabalham muito para si próprios.

L. D. – Então tem deputado, em alguns estados, que tem cinquenta, sessenta pessoas assalariadas, enquanto que o partido tem quatro ou cinco. Então... Eu até diria que, hoje, as

correntes, naquele modelo antigo, são muito mais doutrinárias (o que é bom, na minha opinião) e muito menos pragmáticas do que aqueles agrupamentos que se estrutura em torno dos deputados. Mas o fato é que a realidade é outra, então nós não podemos ter aquelas regras. Mas enfim. Só para concluir aqui, que já... Eu, depois de 87 em diante, continuei na direção do partido, sempre fazendo coisas extrapartidárias também. Dois anos depois de eu sair do mandato, acabar o mandato, eu comecei a fazer crítica literária no *Estadão*, em outros jornais; sempre com aquele misto de... quer dizer, tarefas bem partidárias, bem... assim, militantes, com coisas de natureza mais literária, cultural, que... Agora, no governo, não dá tempo. Só em casa. Mas eu... o que eu sempre fiz, não é. E continuei na executiva. Depois, naturalmente, eu fui para a Fundação Perseu Abramo, que era um misto dessas duas coisas também. Mas aí, essa parte não...

M.M. – Mas eu acho que essa parte é até interessante. Quer dizer, eu acho assim...

L. D. – Mas já alongou aqui enormemente. [ri]

M.M. – É. Não. Eu acho até queria teriam outras coisas que a gente, eu, pelo menos, gostaria de perguntar. Por exemplo, como é que foi a sua atuação no governo do Patrus em Minas. Quer dizer, um pouco desse PT mineiro do período já um pouco mais tarde. Mas eu acho que a gente não vai ter tempo hoje. Você vai viajar, a gente também vai viajar...

L. D. – Não. Hoje, não. Agora se vocês quiserem, para também não dar esse trabalhão todo, e depois, tem outras personalidades mais para ser... E depois você pode... Sabe, umas tantas perguntas, eu posso responder gravando, desse mesmo jeito, porque... esse assunto, não tem jeito.

M.M. – Não, mas é... Mas a gente poderia fazer uma... Você nunca vai lá pelo Rio, não?

L. D. – Vou.

M.M. – Então. Você podia combinar.

L. D. – Então vamos lá. Para não dá esse trabalhão.

[FIM DO DEPOIMENTO]

